



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

FRANCYELLE BEZERRA ARRUDA

**PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE PILAR-PB: REVIVENDO O
PASSADO HISTÓRICO E DESPERTANDO RECORDAÇÕES**

**JOÃO PESSOA
2016**

FRANCYELLE BEZERRA ARRUDA

**PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE PILAR-PB: REVIVENDO O
PASSADO HISTÓRICO E DESPERTANDO RECORDAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquivologia do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual da Paraíba - Campus V, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquivologia.

Área de concentração: Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof^o. Me. Eutrópio Pereira Bezerra.

**JOÃO PESSOA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A779p Arruda, Francielle Bezerra
Patrimônio cultural do município de Pilar-PB [manuscrito] :
revivendo o passado histórico e despertando recordações /
Francielle Bezerra Arruda. - 2016.
105 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Eutrópio Pereira Bezerra,
Departamento de Arquivologia".

1. Patrimônio cultural. 2. Patrimônio. 3. Pilar-PB I. Título.
21. ed. CDD 363.69

FRANCYELLE BEZERRA ARRUDA

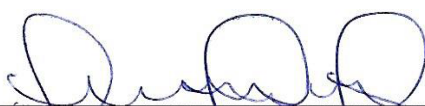
PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE PILAR-PB: revivendo o passado
histórico e despertando recordações

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquivologia do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual da Paraíba - Campus V, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquivologia

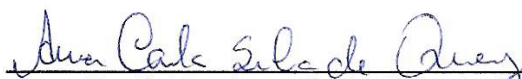
Área de concentração: Patrimônio Cultural

Aprovada em: 25/10/2016.

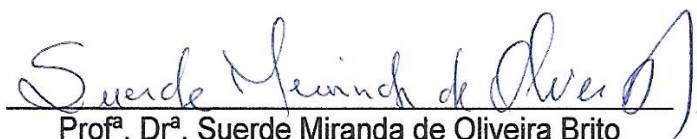
BANCA EXAMINADORA



Prof.^o Me. Eutrópio Pereira Bezerra (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^ª Ma. Anna Carla Silva de Queiroz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^ª Dr.^ª Suerde Miranda de Oliveira Brito
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Terezinha da Silva Arruda (mãe), Francisco Bezerra da Silva (pai), Jadielson da Silva Farias e Wanderson da Silva Arruda (irmãos), pelo amor incondicional, por sempre apoiarem minhas escolhas; aos meus familiares, e, em especial aos meus avós paternos Argentina Bezerra de Pontes (in memoriam) e José Pedro Cavalcante (in memoriam) e maternos, Maria Pereira da Silva Arruda e José Severino de Arruda, pois não tiveram a oportunidade de estudar, por essa razão acredito que essa conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, arquiteto de todas as minhas forças, ajudando-me a trilhar todos os caminhos que almejo, e concretizar todos os sonhos que pareciam impossíveis.

Aproveito este momento para fazer um agradecimento especial a todos àqueles que direta, e também indiretamente, contribuíram com a construção deste Trabalho Monográfico. A todos vocês, muito obrigada!

Sou imensamente grata, aos meus pais Francisco Bezerra da Silva e Terezinha da Silva Arruda, pelo amor, carinho, por serem minha fortaleza. Agradeço por todas as horas que estiveram ao meu lado, prontamente para me ajudar na minha realização e por serem exemplos de dignidade, perseverança, determinação e sacrifícios, sem eles, não haveriam caminhos a ser seguidos.

Aos meus irmãos Wanderson da Silva Arruda e Jadielson da Silva Farias, que sempre buscam me ajudar, e a me proteger, e a me suportar em dias de estresse. Amo vocês!

Aos meus avós, Maria Pereira da Silva Arruda e José Severino de Arruda (maternos), e aos paternos, Argentina Bezerra de Pontes (in memoriam) e José Pedro Cavalcante (in memoriam), por sempre me incentivarem a estudar, uma vez que eles não tiveram a oportunidade, a vocês todo meu carinho!

Aos meus familiares, que tanto torcem pelo meu sucesso. Vocês são a razão do meu esforço. Em especial, Janielly Bezerra de Andrade (prima), que sempre esteve disposta a me ajudar, e presente em toda minha vida acadêmica, pelo carinho e toda atenção.

A minha turma querida (2012.2), por todo apoio, compreensão e ajuda, pois vocês sabem o quão foi difícil chegar até aqui. Em especial, as minhas amigas irmãs, Danielly Steffany E. da Costa, Janaina Dayane da G. Costa e Kelly Steffany L. da Silva, pela amizade e companheirismo além da sala de aula, vocês que foram muitas vezes vítimas das minhas angústias e aflições, testemunhas da minha força de vontade e determinação, por nunca deixarem que eu baixasse a cabeça, obrigada pela amizade, carinho, respeito e admiração, reforço que estarão sempre em meu coração.

Ao meu amigo Kervy Hudson, por sempre acreditar no meu potencial, sempre me incentivar a estudar, por ter formatado o notebook, para que eu

pudesse finalizar este trabalho monográfico, por todo carinho, companheirismo, e paciência, por todo amor depositado a mim, por ser mais que um amigo, um irmão.

Agradeço também ao meu amigo Ronilton Mota, que sempre tentou me ajudar, mesmo que a distância em meus trabalhos acadêmicos, por sempre acreditar em mim, e provar que sou capaz de realizar os meus sonhos, obrigada por seus votos de otimismo, pelo companheirismo, carinho e paciência.

A Gislayne Gessyka, Alan Carlos, Rosana Brito, Andressa Rocha (cunhada) e aos demais amigos, por compreenderem a minha ausência, a todos vocês meu eterno e sincero agradecimento.

Agradeço a todos os meus amigos pilarenses, que ajudaram a dar vida a este trabalho.

Aos meus companheiros do Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba- COREN-PB, onde estagiei por dois anos, em especial a minha eterna gerente e mãezona Adriania Matos, por todos os ensinamentos transmitidos e carinho, agradeço também, a Dona Macena, Stella Freire, Janaina Dayane, Kelly Steffany, Vânia Neves, seu Valmir, Fabrício, Cyntia por cada momento compartilhado e de aprendizado ao lado de vocês. Agradeço também a Dr. Ronaldo Beserra por ter me concedido a oportunidade de estagiar nesse recinto.

Aos professores do Curso de Arquivologia da UEPB, em especial, Eutrópio Bezerra, Suerde Brito, Anna Carla, Henrique França, Esmeralda Porfírio, Josemar Henrique, que contribuíram de forma significativa para meu caminhar acadêmico.

Aos funcionários da UEPB, em especial Daniela Duarte e Marcelino, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Imensamente grata!

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...] Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor [...]. Ecléa Bosi

RESUMO

Este trabalho analisa a construção da memória mediante a preservação do patrimônio cultural, tendo como objetivo de estudo o mapeamento, e a identificação dos bens culturais (materiais e imateriais), assim como a análise da influência desses bens para a comunidade, como papel e lugar de memória do município de Pilar-PB. Quanto à metodologia este trabalho está pautado na pesquisa de campo e qualitativa, cuja intenção é descrever os bens culturais do município de Pilar mencionada através da história oral, que se busca por intermédio da oralidade o que ficou gravada na memória. Na perspectiva da observação assistemática, optamos por trabalhar recolhendo e registrando fatos da realidade. Os relatos dos moradores contribuíram para o entendimento das mudanças do decorrer do tempo e do lugar. O patrimônio histórico possui importância artística, cultural, religiosa, e documental para uma sociedade. Contudo a amplitude do patrimônio cultural, nos leva acreditar na importância de um indivíduo agrupado a uma comunidade e saber reconhecer o espaço que nele vive.

Palavras-Chave: Patrimônio Cultural. Patrimônio Histórico. Pilar-PB.

ABSTRACT

This paper analyzes the construction of memory through the preservation of cultural heritage, with the study objective the mapping and identification of cultural assets (tangible and intangible), as well as the analysis of the influence of these goods to the community, such as paper and place the municipality of Pilar-PB memory. Regarding the methodology this work is guided by the field research and qualitative, intended to describe the cultural assets of Pilar municipality mentioned by oral history, which search through orality which was recorded in memory. From the perspective of systematic observation, we chose to work collecting and recording facts of reality. Reports from residents contributed to the understanding of changes over time and place. The heritage has important artistic, cultural, religious, and document for a society. However the extent of the cultural heritage, leads us to believe in the importance of a clustered individual to a community and to recognize the space that lives in it.

Keywords: Cultural Heritage. Historical Heritage. Pilar-PB.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAMUPI	Banda Municipal de Pilar
CEP/UEPB	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba
IPHAEP	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MPF/PB	Ministério Público Federal da Procuradoria da República na Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Selo símbolo das cidades educadoras.....	25
Figura 2- Filhos ilustres de Pilar	26
Figura 3- Distância de João Pessoa a Pilar-PB.....	27
Figura 4- Localização de Pilar-PB.	28
Figura 5- Bandeira de Pilar-PB.....	28
Figura 6- Brasão de Pilar-PB.....	29
Figura 7- Mapeamento da localização dos bens culturais e patrimoniais de Pilar-PB	31
Figura 8- Mapeamento dos bens culturais e patrimoniais Pilar-PB	32
Figura 9- Frente do monumento e a parte de trás.	33
Figura 10- Parte inferior e superior do monumento	34
Figura 11- Casa da Tia Naninha.	35
Figura 12- Casa dos Jesuítas.....	36
Figura 13- Casa dos Tropeiros – parte lateral.	37
Figura 14- Coreto.	38
Figura 15- Monumento do Cruzeiro.....	39
Figura 17- Parte interna da capelinha.	40
Figura 16- Capelinha.	40
Figura 18- Casa grande do Engenho Corredor em 2008, antes da restauração.....	42
Figura 19- Casa grande do Engenho Corredor, restaurada.	42
Figura 20- Engenho Recreio.	43
Figura 21- Casa grande do Engenho Recreio.	43
Figura 22- Escola Estadual de Educação Infantil Doutor José Maria.....	44
Figura 23- Estação Ferroviária.	45
Figura 24- Fazenda Independência.....	46
Figura 25- Parte desativada da Fazenda Independência.....	46
Figura 26- Fundação Menino de Engenho (Antiga Casa de Câmara e Cadeia).	47
Figura 27- Igreja Matriz- Nossa Senhora Del Pilar.....	48
Figura 28- Lateral da Igreja Matriz.	49
Figura 29- Diagonal da Igreja Matriz.	49
Figura 30- Ponte Escritor José Lins do Rego- parte inferior.....	49
Figura 31- Ponte Escritor José Lins do Rego – parte superior.....	50

Figura 32: Vista da Praça João José Maroja.....	50
Figura 33- Praça José Lins do Rego.	51
Figura 34- Busto de José Lins do Rego.	51
Figura 35- Vista sobre a ponte do Rio Paraíba.	52
Figura 36- Janelões da parte superior do Sobrado.	53
Figura 37- Sobrado do Comendador Quincas Napoleão.....	54
Figura 38- Comunidade Baixa Verde.	54
Figura 39- Antiga Trilha do Ouro e Remanescente dos Índios Cariris.....	55
Figura 40- Trilha da Estrada da Samambaia.....	55
Figura 41- Hino Oficial de Pilar.....	57
Figura 42- Hino da Padroeira Nossa Senhora Del Pilar: Lírio Branco.....	58
Figura 43- Desfile cívico.....	59
Figura 44- 26ª Maratona Aguinaldo Velloso Borges.....	60
Figura 45- Turma dos Bambinos.....	62
Figura 46- Festival de quadrilha.....	64
Figura 47- Boi de Nair e Dona Nair.....	66
Figura 48- Cantadora de ciranda e coco de roda – Odete de Pilar.....	69
Figura 49- Poema “em homenagem” a Chibata Preta.....	70
Figura 50- Quadrilha Junina Ação Nordestina - 2013.....	73
Figura 51- Quadrilha Junina Coronel José Lins.....	74
Figura 52: Cavalgada Nossa Senhora Del Pilar.....	76

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
1.1 INTRODUÇÃO	16
1.2 OBJETIVOS	18
1.2.1 Objetivo geral.....	18
1.2.2 Objetivos específicos.....	18
2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO, MEMÓRIA E BENS CULTURAIS	19
2.1 CONCEITOS	19
2.2 PATRIMÔNIOS, TOMBAMENTO E A PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	21
2.3 INFORMAÇÃO PATRIMONIAL	22
3 METODOLOGIA	23
3.1 CAMPO EMPÍRICO.....	23
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM	29
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	30
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4 REVIVENDO O PASSADO HISTÓRICO	31
4.1 MAPEAMENTO DOS BENS CULTURAIS DE PILAR-PB	31
4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS BENS CULTURAIS: PATRIMÔNIO MATERIAL.....	32
4.2.1 Alto de Nossa Senhora da Conceição.....	33
4.2.2 Casa da Tia Naninha.....	34
4.2.3 Casa dos Jesuítas	35
4.2.4 Casa dos Tropeiros	36
4.2.5 Coreto da Praça José Lins do Rego.....	37
4.2.6 Cruzeiro	38
4.2.7 Capelinha Divina Santa Cruz.....	40
4.2.8 Engenho Corredor	41
4.2.9 Engenho Recreio/ Fazenda Recreio	43
4.2.10 Escola Estadual de Educação Infantil Doutor. José Maria	44
4.2.11 Estação Ferroviária.....	44
4.2.12 Fazenda Independência.....	45
4.2.13 Fundação Menino de Engenho / Casa de Câmara e Cadeia	47
4.2.14 Igreja Nossa Senhora Del Pilar	48
4.2.15 Ponte Escritor José Lins do Rego.....	49
4.2.16 Praça João José Maroja.....	50
4.2.17 Praça José Lins do Rego / Antiga Praça João Pessoa	51
4.2.18 Rio Paraíba.....	52
4.2.19 Sobrado do Comendador Quincas Napoleão	53
4.2.20 Trilha do Ouro e Remanescente dos Índios Cariris.....	54
4.2.21 Trilha da Estrada da Samambaia.....	55
5 DESPERTANDO RECORDAÇÕES.....	56
5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS BENS CULTURAIS: PATRIMÔNIO IMATERIAL.....	56

5.1.1 Festas Populares	57
5.1.1.1 Festa da Padroeira Nossa Senhora Del Pilar	57
5.1.1.2 Festa de Emancipação Política Municipal.....	59
5.1.1.3 Réveillon	61
5.1.1.4 Carnaval	61
5.1.1.5 Festas Juninas	63
5.1.2 Manifestações Culturais	64
5.1.2.1 Bumba-meu-boi	64
5.1.2.2 Cantador de Viola	66
5.1.2.3 Cavalo Marinho	67
5.1.2.4 Ciranda	67
5.1.2.5 Coco de roda.....	68
5.1.2.6 Figuras Folclóricas	69
5.1.2.7 Lapinha	71
5.1.2.8 Quadrilha Junina	72
5.1.3. Vaquejada, Corrida de Argolinha e Cavalgada.....	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICES	83
APÊNDICE A - Diário de Campo.....	84
APÊNDICE B – Trilho.....	91
APÊNDICE C- Placa de Sinalização	92
APÊNDICE E- Pichação.....	93
APÊNDICE – F Vista panorâmica da cidade, do Alto de N. Sr ^a . da Conceição	93
ANEXOS	96
ANEXO A – Vista do centro da cidade de Pilar-PB	97
ANEXO B – Praça José Lins do Rego.....	98
ANEXO C - Exibição da Tribo Canindé -1959.....	99
ANEXO D- Missão Jesuítica da Vila do Pilar.....	100
ANEXO E- Praça João José Maroja -1952 e 1985.....	101
ANEXO G – CENTRO DE PILAR – 1975.....	103
ANEXO H – Centro Histórico de Pilar 1976.....	104
ANEXO I – Antigo Pavilhão Central e Antiga Praça João Pessoa	105

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo são apresentadas as considerações introdutórias, assim como a justificativa desta pesquisa, a problemática e seus objetivos.

1.1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa é a identificação dos bens culturais do município de Pilar-PB, evidenciando a conservação patrimonial e a preservação das informações e de memória coletiva, social e individual dos bens culturais, abordando uma temática no âmbito da preservação-conservação.

Segundo Le Goff (2003), a memória, por especialidade de conservar certas informações, remete a um conjunto de funções psíquicas, podendo atualizar impressões ou informações passadas.

O município de Pilar foi fundado em fins do século XVI, situado na microrregião paraibana, possui diversos padrões históricos, entre eles complexos e tombamentos patrimoniais, importante salientar que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP tombou a cidade para a preservação dos seus monumentos históricos, através do decreto 8.625 de 26 de agosto de 1980. Porém, preservar, conservar, cuidar e “manter” é um desafio atual, em âmbitos culturais, principalmente no que se refere às políticas de proteção do acervo e de restauração dos bens, e na conservação da sua memória.

Diante desta concepção, a pesquisa direciona-se aos principais bens culturais/ patrimônios arquitetônicos (antiga Casa de Câmara e Cadeia, Engenho Corredor, Coreto na Praça José Lins do Rego, Igreja Matriz, entre outros) e aos bens culturais/ patrimônios imateriais (Festejos Juninos, Hino Oficial de Pilar-PB, Festa de Emancipação Política Municipal, entre outros), procurando entrelaçar a memória individual e coletiva, oriundos das lembranças e relatos dos moradores como recurso para abranger e compreender a história do local, para complemento dos recursos bibliográficos, viabilizando o desfecho do contexto histórico e cultural, para que não haja o esquecimento da cultura, dos patrimônios e da identidade de um povo.

A cultura e a memória expõem a virtude construída e transmitida de geração em geração, fazendo com que as pessoas se identifiquem, formando uma identidade

cultural de um grupo social. A cogitar em conservação dos bens culturais e históricos, é necessária a compreensão de que estes bens são pertencentes a todos e necessitam ser preservados.

Preservar significa proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por outra que possa lhe ocasionar dano. Conservar significa manter, guardar para que haja uma permanência no tempo. Desde que guardar é diferente de resguardar, preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar o patrimônio implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural. Isso pode, às vezes, significar a necessidade de ressemantização do bem considerado patrimônio, e é nesse terreno que se dá a discussão. (BARRETTO, 2000, p. 15).

Entre o passado e o presente, vivemos em uma presumida crise de identidade, mediante os paradigmas de reconhecer a conservação e a preservação, pois atualmente nos deparamos com ruptura informacional e desagregação da matéria a partir disto podemos questionar no futuro, qual a nossa história e quem somos? Mediante contexto, buscamos agregar os valores e preservar os lugares de memórias (memória social e histórica), para que seja desenvolvidas mecanismos de gestão, preservação e conservação, para gerações futuras. Uma vez que “o patrimônio cultural da cidade serve, entre tantas coisas, para deixar acesa a memória individual e coletiva de uma sociedade”. (SANTOS, 2014, p.10). Sá (2005, 2007) expõe que memória histórica pode envolver outras instâncias da memória social, além de poder, também, englobar as memórias coletivas.

É comum circularmos em cidades de interior e nos deparamos com a degradação de inúmeros imóveis, diante disto é nítido que se faz preciso iniciativas para salvaguardar e assegurar a permanência da identidade cultural, além de impulsionar ações para a manutenção da memória coletiva.

É preciso despertar a importância dos bens culturais e a história local. Considerando a variação dos registros dos fatos históricos a partir da memória. É importante comparar as memórias construídas dos diferentes grupos de idades, para que em função dessa diferença, identificarmos a relevância desses marcos histórico e social para os mesmos.

O acesso, a preservação e o conhecimento sobre os bens culturais, desempenha a exploração das paisagens, patrimônios culturais, do ambiente e de outros lugares de memória que contém edificações históricas, se tornando, proveniente de fato, como fontes para pesquisa, cultura e ensino.

Diante do exposto, indagamo-nos como se concerne à conservação dos bens culturais do município de Pilar-PB, e a preservação da memória desses bens?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Verificar os patrimônios culturais de Pilar, com o auxílio da identificação dos moradores, objetivando a preservação-conservação dos bens.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar os bens culturais (materiais e imateriais);
- Mapear os patrimônios culturais materiais;
- Descrever os patrimônios culturais (materiais e imateriais);
- Registrar as manifestações culturais populares de Pilar, a exemplo de personagens folclóricos, festividades em grupo e suas variantes.

2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO, MEMÓRIA E BENS CULTURAIS

Nos últimos anos a área da conservação vem atribuindo um ponderoso papel na política cultural do país. A conservação são parâmetros que se destinam a manutenção do patrimônio, sem modificar suas características, preservando seu significado cultural. Já a preservação é a manutenção de um bem no estado físico, visando salvaguardar e prolongar o patrimônio cultural. E porque é tão importante preservar? Cada indivíduo faz parte de uma sociedade como um todo, construindo a sua história, propiciando a compreensão das gerações futuras, portanto o desaparecimento das histórias passadas acarreta no rompimento do conhecimento; devem-se preservar todos os bens material e imaterial que transmite interesse cultural ou ambiental, que retratem significados históricos, culturais e sentimentais, para a identidade de uma população.

O conceito de patrimônio não existe isolado, em vista disso, patrimônio é conjunto de bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos que relata a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. Podendo ser classificado em histórico, cultural e ambiental. Os bens culturais é todo elemento, material, ou imaterial capaz de conceber o momento cultural ou natural de grupos sociais. Por fim, a memória constituem os elementos formadores do patrimônio possibilitando que o passado interaja com o presente.

2.1 CONCEITOS

O debate em torno de questões que norteiam a preservação do patrimônio documental é cada vez mais crescente em nosso país, ainda que de diversas tentativas e iniciativas de organizar instituições voltadas para a guarda da memória local e regional, o que se têm conseguido fazer é muito pouco comparada à dimensão e a riqueza de nosso patrimônio histórico e o crescente progresso de destruição a que se encontra submetido.

O crescente interesse dos historiadores pelos arquivos públicos e privados obteve grandes transformações ocorridas no campo historiográfico e arquivístico, no qual chegaram ao Brasil em meados dos anos 1970/80, passando a articular às preocupações da sociedade, que passava a se desassossegear com a destruição de sua memória, e com os impactos políticos e culturais do esquecimento.

Podemos verificar a condecoração do patrimônio cultural brasileiro como patrimônio da humanidade pela UNESCO, que incentivou uma série de intervenções em centros históricos desenvolvendo as políticas públicas de conservação dos conjuntos arquitetônicos, e de outros acervos integrados.

Gondar (2004) agrega o conceito de memória social, o qual seja considerado, além de polissêmico, transversal ou transdisciplinar, propondo um conceito em movimento e em permanente questionamento, buscando trabalhar como um ato ético e político.

Pensar a memória como uma reconstrução racional do passado, erigida a partir de quadros sociais bem definidos e delimitados, como faz Halbwachs, nos conduz a um tipo de posicionamento político; afirmar, em contrapartida, que a memória é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como um foco de resistência no seio das relações de poder, como o faz Foucault, implica uma outra ética e uma outra posição política. (GONDAR, 2004, p.16).

Sobre os arquivos, Pereira (2011, p. 24) afirma que os documentos são uma forma de expressão da memória, e os arquivos são os detentores da memória individual e coletiva, servindo de suporte para a constituição da história das instituições e da identidade de um determinado povo.

De acordo com Chauí (2005) memória significa conservação de uma lembrança, a autora ainda norteia que a memória é a invocação do passado, entrelaçando a memória individual e coletiva, registradas em documentos e relatos e perante os produtos da sociedade, para fins de uso da memória histórica e às relações de poder, que a partir disso são mantidas e constituídas. Nora (1993) detém que a memória é a gigantesca e vertiginosa construção de estoques de armazenamento de instituições-memória.

A memória individual é aquela que preservada por um indivíduo, relatando e suas próprias vivências, mas também contém aspectos da memória de um grupo social, a qual se formou.

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível (HALBWACHS, 2004, p.41).

Quanto à memória coletiva são aquelas guardadas por fatos relevantes que são preservadas como memória indispensável por uma sociedade mais ampla. Ainda para Halbwachs (2006), as lembranças permanecem coletivas e nos são

lembradas por outros, ainda que sejam eventos em que apenas nós estivéssemos envolvidos.

2.2 PATRIMÔNIOS, TOMBAMENTO E A PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS

Patrimônio remete-se ao conjunto de todos os bens herdados, tanto materiais ou imateriais. É tudo aquilo que nos pertencem, é a nossa herança do passado que evidencia no presente. Amplitude do patrimônio cultural, nos leva acreditar na importância de um indivíduo agrupado a uma comunidade e saber reconhecer o espaço que nele vive. O Patrimônio natural é composto por bens cuja criação não recebeu a intervenção do homem, já o arquitetônico são construções que representam seus estilos, por sua época e por suas técnicas são reconhecidos arquitetonicamente.

Existem dois tipos de patrimônio cultural, os denominados tangíveis e os intangíveis. Os tangíveis, conhecidos também como bens imóveis e móveis, são aqueles constituídos por bens materiais, e o intangíveis, constituído por bens imateriais como, por exemplo: lendas e costumes.

Entre los aspectos principales para la adecuada conservación del patrimonio, está la denominada descripción colectiva, cuyo fundamento consiste em conocer la riqueza documental em cada de las regiones geográficas, donde el patrimonio cultural es considerado como prioridad y necesidad. Debemos considerar también que, a la división de los bienes culturales em três apartados: inmuebles, muebles e inmateriales, se debe añadir por características propias el “patrimonio archivístico”. (ARÉVALO JORDÁN, 2005, p.26-27).

No Brasil, a preservação, conservação e a salvaguarda do patrimônio são de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, criado em 13 de janeiro de 1930, sua responsabilidade é de proteger e promover os bens culturais do país, assegurando sua permanência e uso em gerações futuras.

“O Patrimônio deve ser entendido como uma forma da reorganização racional dos recursos para a nova coletividade [...]” (POULOT, 2009, p.99).

Preservação não é o mesmo que tombamento. O tombamento é uma exigência legal, que visa preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e afetivo, impedindo sua destruição ou descaracterização. É importante salientar, que a preservação pode existir sem o tombamento. O tombamento de bens históricos começou no Brasil em 30 de novembro de 1937, sob decreto de Lei nº 25,

que surgia para proteção das cidades antigas e de monumentos que corriam riscos, devido ponderação imobiliária e as reformas urbanas.

2.3 INFORMAÇÃO PATRIMONIAL

A informação produzida nos dias atuais, em praticamente todas as áreas da atividade humana, será escassa e deixará de se enquadrar como lugar de memória, e para que isso não aconteça, é necessário que sejam desenvolvidos mecanismos de gestão e preservação para conserva-los às gerações futuras. Azevedo Netto (2008 p.12) condiz que o patrimônio cultural é de suma importância, visto que a memória é mediado pela disseminação de informação, já Fragoso (2008 p.59), baseia-se em um conjunto de informações próprias do patrimônio cultural, ampliando uma concepção de patrimônio não mais centrada em monumentos, mas em uma relação da sociedade com a cultura.

Pois não se pode pensar em preservar sem ser por interesse da própria comunidade, é possível conscientizar os indivíduos, para que possam adquirir conhecimentos, compreender a história local, e possuir um elo de verdadeiros guardiões dos bens culturais, tendo em vista que cada um fez parte da construção dessa história.

Obtendo a integração entre a Ciência da Informação e o patrimônio, Fonseca (2000), relata a produção de informações e a pesquisa de materiais para documentá-las e compreender a recriação dos bens e práticas, tendo em vista a construção de um sistema referencial da cultura, sobre o contexto específico.

3 METODOLOGIA

Neste tópico serão versados instrumentos metodológicos, a seleção dos mecanismos de pesquisa, tais como entrevistas, pesquisa de campo, fotografias e fontes documentais, a fim de construir um conjunto de informações acerca do objeto de estudo.

Diante disto, a presente pesquisa tem como princípio a pesquisa descritiva e qualitativa, tendo em vista que, a descrição e a observação serão o marco inicial, para resultarem no andamento do trabalho que preconiza a memória da cidade como eixo de análise e de fonte de informação. Desta maneira, pode-se dizer que a identidade do lugar aferem significados à memória individual e coletiva, as quais são instrumentos de compreensão para as práticas de reconhecimento e referência da preservação dos bens culturais, para que além das pesquisas bibliográficas, a história oral/vivenciada e as identificações dos registros relatados pela comunidade, venham a explicar e organizar as informações identificando à temática.

3.1 CAMPO EMPÍRICO

Em 1905, a Paraíba prosperava e ampliava os solos férteis do litoral e da mata, os valorizando. A cana-de-açúcar foi fonte econômica principal no início da colonização da Capitania Real da Paraíba, em 1634 a Paraíba possuía dezoito engenhos de cana-de-açúcar, as margens do Rio São Domingos, hoje denominado Paraíba, foram construídos engenhos, que até hoje existem em estado de ruína. Foi perante esse contexto histórico, que surgiu o povoamento do município de Pilar e fê-la ser prestigiada no cenário paraibano como a primeira vila a surgir no estado na época colonial do Brasil, em 05 de janeiro de 1765, lei decretada pelo Juiz de Foro Dr. Miguel Cardoso Castelo Branco.

O povoamento foi iniciado em fins do século XVI, encontrando ali os holandeses, em 1630, fazendas de criação de gado, logo depois os Jesuítas vindos de Pernambuco criam as missões de Fagundes, as missões eram predestinadas à catequização dos índios, que já habitavam a redondeza de Pilar, o catequismo era realizado através dos padres católicos. Os jesuítas residiam ao lado da Igreja, onde se podia observar toda a aldeia, porém a missão de Fagundes não obteve nenhum êxito.

Em 1670, foi fundada a aldeia missão dos índios Cariris de Pilar. Os Jesuítas, acompanhados pelos índios Cariris, fundaram um colégio. Em torno do mesmo, formou-se o povoado, cuja população era constituída principalmente de garimpeiros, que para ali se deslocavam em busca do ouro existente. Esse colégio foi considerado o primeiro marco de desenvolvimento do município.

Em 1746, os missionários liderados pelo capuchinho italiano Frei Francisco Antônio Maria de Modena, construíram uma Igreja em estilo barroco simples, a nomeando de Convento Nossa Senhora Del Pilar, a ilustração dessa Santa e de São Fidélis, foram trazidos pelo missionário que veio da Espanha. Existiam os destroços da antiga Igreja, em frente à Matriz (Igreja Nossa Senhora Del Pilar) até 1904.

D. Maria I, através de Carta Régia, eleva o povoado à categoria de vila, batizando-a como Vila do Pilar dos Cariris de Baixo, em agraciamento a padroeira espanhola, em 14 de setembro de 1758.

No final do século XVIII, era notada na Vila próspera do Pilar uma definição de urbanização. Pilar foi Distrito de Paz em 1827.

Pilar era bem vista na redondeza da Paraíba, e no nordeste, como uma cidade próspera, é tanto que em 1859 recebeu a visita do imperador Dom Pedro II, onde ficou por dois dias na cidade, em decorrência do prestígio social que a Vila obtinha na Metrópole, por sua influência econômica e histórica. Dom Pedro II concedeu à sociedade pilarense o tradicional beija-mão, na Casa de Câmara e Cadeia.

O município era muito extenso (a comarca de Pilar ia até Pombal, no alto sertão); até uma determinada época Campina Grande era distrito de Pilar. Por possuir um território vasto, muitos dos territórios que os pertenciam começaram a desmembrar e se emancipar.

A história de Pilar é marcada pelos desmembramentos do seu município. Em 03 de junho de 1901, Pilar dá berço a um dos maiores escritores da literatura brasileira, José Lins do Rego Cavalcanti, e em 1976, foi cenário do filme “Soledade”.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba – IPHAEP, através do decreto 8.625 de 26 de agosto de 1980, tombou a cidade para preservação dos seus monumentos históricos. Em 1999, Pilar é recebida como membro da Associação Internacional das Cidades Educadoras, com sede em Barcelona, Espanha e subsede em Rosário, Argentina.

Figura 1- Selo símbolo das cidades educadoras



Fonte: <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/page.php?156>

Os filhos desta terra, Pilar, envolviam-se diretamente nos movimentos revolucionários, principalmente os liberais, aqueles simpatizantes a liberdade política, civil e econômica, todos de cunho nativista. No dia 07 de março de 1817, iniciaram na Paraíba os rumores de uma revolução em Pernambuco. Destacando-se nesta Revolução Pernambucana de 1817, em Pilar, Arruda Câmara Francisco Costa Medeiros e o vigário da cidade, o padre Antônio Pereira de Albuquerque, integrante do Areópago de Itambé e o governado e revolucionário da província.

A Confederação do Equador de 1824¹ é de cunho republicano e separatista e que congregava nas províncias do Nordeste, resultando pela falta de soluções dos problemas econômicos e sociais, causadas pela Revolução Pernambucana de 1817² e abortadas pelas ações de ameaças do poder real. Em 25 de maio de 1824, acamparam-se e se reforçaram em Pilar, contra o sistema Imperial, com o intuito de trabalhar para que o Brasil não fosse subordinado a Portugal.

Pilar participa da Revolução da Praeira³, que teve como líder o deputado Manuel Nunes Machado. Na Revolta de Quebra Quilos⁴, Pilar foi quartel-general da revolta, revelando-se em Pilar, nesta revolução Inácio Bento, proprietário na época do Engenho Sant'ana, que foi sede do movimento na várzea do Paraíba.

¹ A Confederação do Equador foi um movimento político e revolucionário ocorrido na região Nordeste do Brasil em 1824. O movimento teve caráter emancipacionista e republicano. Disponível em: <http://www.historiadobrasil.net/resumos/confederacao_do_equador.htm>. Acesso em: 06 set. 2016.

² A Revolução Pernambucana foi um movimento social (revolta) de caráter emancipacionista ocorrido em Pernambuco no ano de 1817. Disponível em: <http://www.historiadobrasil.net/resumos/revolucao_pernambucana.htm>. Acesso em: 06 set. 2016.

³ A Revolução Praeira foi uma revolta de caráter liberal e federalista ocorrida na província de Pernambuco entre os anos de 1848 e 1850. Disponível em: <<http://planetadoconhecimento.webnode.com.br/news/revolu%C3%A7%C3%A3o%20praeira/>>. Acesso em: 06 set. 2016.

⁴ Quebra-Quilos foi uma revolta ocorrida no nordeste do Brasil, entre fins de 1874 e meados de 1875, e que espalhou-se por quatro Estados (Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas). Disponível em: <<http://culturapopular2.blogspot.com.br/2010/07/revolta-do-quebra-quilos.html>>. Acesso em: 06 set. 2016.

O município de Pilar foi berço de pessoas importantes e que fez e ainda continua fazendo história na Paraíba, destacando-se entre eles: Santos Estanislau, Paulo Hispácio, Demétrio Vasco de Toledo, Manoel Maroja Neto, Padre Antônio Pereira de Albuquerque, Antônio Gonçalves Meira de Vasconcelos, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (o visconde de Cavalcanti), Francisco Xavier Júnior, Flávio Ferreira da Silva Maroja, José Júlio Lins da Nóbrega, José Vicente Meira, Albino Gonçalves Meira, Manoel Velloso Borges, Virgínio Veloso Borges, João José Maroja, Manuel Ferreira de Andrade, Pedro Marinho Falcão, Aguinaldo Veloso Borges, Flávio Ribeiro Coutinho, Adalberto Rainero Maroja, Oscar da Cunha Barreto, Geminiano Jurema, José Augusto de Brito, João de Deus Maurício, Antônio da Costa Silva, Isaías Alves da Costa (o Zaia), João Lourenço da Silva, Dona Odete de Pilar, Zezita Matos, Fernando Pilar e Virgínia Peixoto Velloso Borges.

Na ilustração abaixo podemos observar dois dos filhos ilustres da cidade, que tiveram papel importante no desenvolvimento da história dessa terra, são eles: à direita, o escritor, romancista, cronista, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras, José Lins do Rego Cavalcanti, e a esquerda, José Augusto de Brito, foi agricultor, professor, poeta, membro da Academia Paraibana de Poesia, cronista, historiador, Coletor Fiscal, vereador e prefeito (de Pilar).

Figura 2- Filhos ilustres de Pilar



José Lins do Rego Cavalcanti
Fonte: <http://pilarpb.blogspot.com.br>



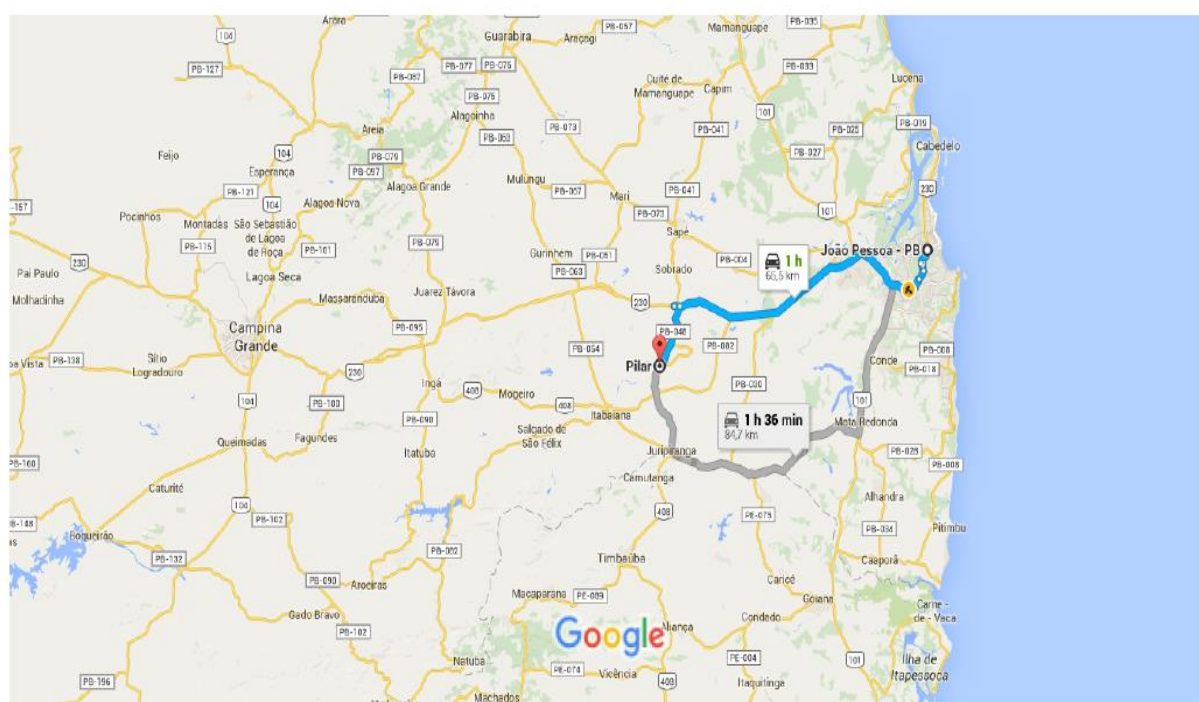
José Augusto de Brito

Pilar continua fazendo história, através de jovens escritores, entre os quais se destacam Frederico Lima, Joan Saulo do Monte.

Situada na microrregião de Sapé, na mesorregião da Zona da Mata Paraibana, Pilar, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE a sua população foi estimada em 11.191 habitantes, dados de 2010. Foi emancipada em 14 de setembro de 1958, a mesma, possui alguns eventos turísticos (festa de emancipação política, festejos juninos e festa da padroeira), patrimônios arquitetônicos (Igreja Matriz, Casa de câmara e cadeia, Engenho Corredor, entre outros) e bens materiais e imateriais.

Sua densidade demográfica é de 109,3 habitantes por km², no território do município. Seus circunvizinhos são os municípios de Itabaiana (10,9km), Juripiranga (11,5km), São Miguel de Taipu (4,8km), Sobrado (11,5km), Riachão do Poço (11,5km), São José dos Ramos (13,3km), Itambé (19,7km), Caldas Brandão (17,2km), Sapé (19,8km), Camutanga (17,4km) e Ferreiros (19,7km).

Figura 3- Distância de João Pessoa a Pilar-PB



Fonte: <https://www.google.com.br/maps> (2016).

Pilar fica localizado a 65,5 km da capital João Pessoa-PB, e a 210 km de Natal – RN. Possui 36 metros de altitude, sua coordenada geográfica sexagesimais corresponde à latitude: 7° 16' 14" Sul e Longitude: 35° 15' 15" Oeste, e a coordenada geográfica decimais com latitude -7.27045 e longitude -35.2543. O clima

da região é tropical com estação seca. Na figura abaixo podemos compreender melhor, a posição geográfica de Pilar.

Figura 4- Localização de Pilar-PB.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps> (2016).

A bandeira do município foi instituída pela Lei. 94 de 09 de novembro de 1987, portando as cores azuis e branco, dividida em duas faixas iguais, no sentido horizontal, ao centro encontra-se o brasão, que possui forma de “U”, contornado por duas canas de açúcar, na parte superior uma coroa e na inferior a data de emancipação política.

Figura 5- Bandeira de Pilar-PB.



Fonte: <http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/simbolo/bandeira-municipios-paraiba/>

O município possui dois selos oficiais: o brasão quando não está acoplado a bandeira e o selo das Cidades Educadoras (vide p.24), que lembra a carência dos

municípios de paz, e na palma da mão observa-se as linhas tracejadas, que representa as cidades do mundo.

Figura 6- Brasão de Pilar-PB.



Fonte: <http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/simbolo/brasao-municipios-paraiba/>

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM

De acordo com Marconi e Lakatos (2002), amostra é um subconjunto da população, uma parcela, conveniente selecionada do universo a ser pesquisado.

O universo de amostragem da nossa pesquisa foi constituída pelos moradores do município de Pilar. No entanto, devido à natureza da abordagem descritiva, a amostra foi composta por alguns moradores mais antigos do município de Pilar-PB até os mais jovens, dos quais foram entrevistados dez, a fim de identificar e perceber o reconhecimento e a importância que a cidade e seus bens culturais representam na vida de cada um e na valorização do município. A população foi escolhida de acordo com o seu discernimento e envolvimento na construção da memória social e coletiva do município.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Gil (1995, p.93) expõe a coleta de dados como fator de importância nas ciências, fundamental para qualquer trabalho, sendo um importante instrumento para a construção de qualquer conhecimento.

Os instrumentos de coleta de dados são variados de acordo com a circunstância, nesta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Observação: consiste na obtenção de aspectos da realidade, não apenas em ver e ouvir, como também em examinar fatos;
- Entrevista: embasar-se na averiguação de fatos, conduta atual ou do passado, sentimentos e etc, mediante uma conversação;
- Diário de campo: permite registrar os dados recolhidos, para desenvolver as experiências observadas, com o intuito de analisar e obter os resultados do estudo;
- História de vida e história oral.

Lakatos e Marconi (2002, p.135), dissertam a história de vida como experiências de alguém, suas vivências, que cative significado de relevância para o conhecimento do objeto em estudo.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os procedimentos constituem as etapas mais concretas da investigação, havendo uma seleção dos mesmos, após a coleta dos dados e obtidos os resultados, o próximo passo foi à análise e a interpretação.

- A observação assistemática
- Entrevista semiestruturada

Através da observação assistemática buscamos recolher e registrar fatos da realidade, de forma espontânea, informal, simples e ocasional. Já na entrevista semiestruturada, procuramos buscar relatos dos moradores do município, procurando explorar mais amplamente uma questão.

4 REVIVENDO O PASSADO HISTÓRICO

Pilar acentua-se como uma das poucas cidades existentes no interior da Paraíba, com um grau elevado de raízes culturais ligadas à história desse estado. Neste município é possível galgar, viajar, até mesmo explorar os tempos dos engenhos, além dos engenhos atrativos com valores históricos, cultural e literário, a cidade dispõe de uma vocação turística, significativas para a história social, econômica, política, religiosa e cultural, abrangendo não só a Paraíba, como também o próprio Brasil.

"Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas." Ecléa Bosi

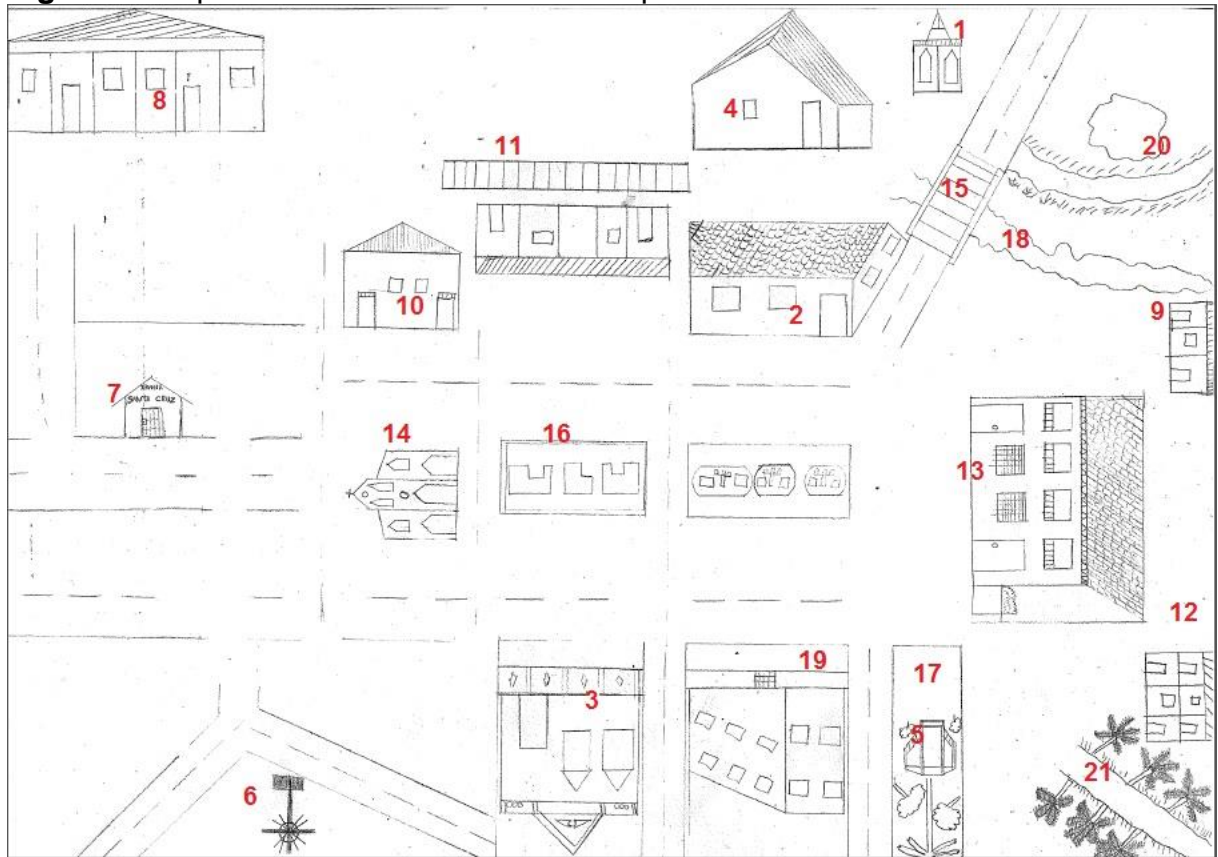
4.1 MAPEAMENTO DOS BENS CULTURAIS DE PILAR-PB

Figura 7- Mapeamento da localização dos bens culturais e patrimoniais de Pilar-PB



Fonte: Dados de base: www.maposmatic.org; Enumerado pela autora. (2016).

Figura 8- Mapeamento dos bens culturais e patrimoniais Pilar-PB



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS BENS CULTURAIS: PATRIMÔNIO MATERIAL

O patrimônio material é constituído por um conjunto de bens culturais, paisagístico, arqueológicos e etnográfico, histórico, entre outros. No município de Pilar identificamos vinte e um patrimônios culturais, são eles: Alto de Nossa Senhora da Conceição, Casa da Tia Naninha, Casa dos Jesuítas, Casa dos Tropeiros, Coreto, Cruzeiro, Capelinha Divina Santa Cruz, Engenho Corredor, Engenho Recreio, Escola Estadual de Educação Infantil Doutor José Maria, Estação Ferroviária, Fazenda Independência, Fundação Menino de Engenho, Igreja Nossa Senhora Del Pilar, Ponte Escritor José Lins do Rego, Praça João José Maroja, Praça José Lins do Rego, Rio Paraíba, Sobrado do Comendador Quincas Napoleão, Trilha do Ouro e Remanescente dos Índios Cariris e a Trilha da Estrada da Samambaia.

4.2.1 Alto de Nossa Senhora da Conceição

Situado nas adjacências da área urbana, o monumento é considerado o marco da passagem do século XIX para o século XX. Ao redor do Alto da Conceição organizavam-se grandes missas e procissões em veneração a Nossa Senhora da Conceição, tendo início do centro da cidade com o acompanhamento da Legião dos Filhos de Maria, da Cruzada e dos demais fiéis. Esse Alto foi bastante visitado por José Lins do Rego, devoto da santa.

Do Alto de Nossa Senhora da Conceição, dá pra ter a vista panorâmica de toda a cidade, e parte do Vale do Paraíba e o rio com sua geometria natural, pois se localiza na parte alta da cidade (um morro). Atualmente no local há realizações de missas e procissões. O Alto é bastante visitado, seja por seus devotos, e/ou para contemplar a paisagem, o pôr-do-sol, como também jogar conversa fora, e apreciar o clima agradável.

Figura 9- Frente do monumento e a parte de trás.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 10- Parte inferior e superior do monumento



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.2 Casa da Tia Naninha

A casa da tia Naninha ficou conhecida por José Lins do Rego ter passado ali boa parte de sua infância, quando ele vinha do Engenho Corredor para aprender as primeiras letras com os professores Dona Dondinha e João Cabral. Zé Lins considerava Naninha como sua segunda tia-mãe.

A casa de Tia Naninha é lembrada no livro “Meus Verdes Anos”, quando José Lins do Rego relata sua infância e as visitas aos presos na cadeia, situados ao lado desta casa. Um dos ocorridos mais importantes desta época foi o presente do estribeiro José Joaquim ofereceu ao pequeno Zé Lins, o canário “Marechal”. Carlinhos avistava os presos da cadeia da calçada da casa da Tia Naninha, bem como observava a casa de Zefinha Liberato, em frente.

Esta casa de Tia Naninha hospedou D. Pedro II, durante a visita que o mesmo fez a esta cidade em 1859, naquela época, fora o Solar do Barão de Marau.

Figura 11- Casa da Tia Naninha.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.3 Casa dos Jesuítas

A casa dos Jesuítas assim conhecida, foi construída pelo Frei Francisco Antônio Maria de Modena, extraordinariamente para os missionários residirem, quando chegou a Pilar, durante a catequese dos índios, no início da nossa colonização.

Esta propriedade localiza-se no centro da cidade de Pilar, ao lado direito da Igreja Matriz de Nossa Senhora Del Pilar. Nesta propriedade ao passar dos anos funcionou um cinema, logo após uma loja de material de construção e atualmente funciona uma loja de roupas.

Figura 12- Casa dos Jesuítas.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.4 Casa dos Tropeiros

Houve um período em que a Casa dos Tropeiros funcionava como caráter de hospedaria, para alguns mercadores que comercializavam pela redondeza, denominados de tropeiros, os quais pernoitavam nesta cidade. A mesma fica localizada do lado esquerdo da Estação Ferroviária.

Figura 13- Casa dos Tropeiros – parte lateral.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.5 Coreto da Praça José Lins do Rego

O coreto é símbolo da saudade que restou das retretas⁵ dominicais, em comemorações de datas festivas locais, e ponto de encontro da sociedade pilarense. Atualmente o coreto continua sendo um monumento bastante requisitado aos cidadãos pilarense, principalmente nos fins de tarde e noites.

No mês de dezembro costumam enfeitar o monumento, e colocar sobre seu interior um presépio natalino, o qual toda a sociedade vai prestigiar e as crianças se encantam.

⁵ Concerto popular de uma banda em praça pública.

Figura 14- Coreto.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.6 Cruzeiro

O aparecimento do cruzeiro remonta aos primeiros séculos do cristianismo. Os cruzeiros surgem ligados à fé dos cristãos, são símbolos da crença. Em Pilar, ao redor do cruzeiro eram realizadas algumas festas religiosas, atualmente, realizam-se paradas em momentos de adoração. Este monumento encontra-se situado na rua do cruzeiro.

Segundo Dona Lúcia, cidadã pilarense, a história desse cruzeiro se deu através de: “um lenhador que foi para mata, e se deparou com uma cobra grande, o qual a enroscou tentando o asfixiar, então ele fez uma promessa que se conseguisse se livrar dela, ergueria um cruzeiro em frente à Igreja. Não se sabe por

qual motivo, o monumento do cruzeiro foi transferido do local para a rua do cruzeiro”.⁶

Figura 15- Monumento do Cruzeiro.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Para muitos a cruz é símbolo do triunfo eterno sobre a morte.⁷

⁶ Conversa concedida por Dona Lúcia, cidadã pilarense em 12 de setembro de 2016.

⁷ VIEIRA, Leonel - In Seminário: «Cruzeiros de Lousada», Universidade Portucalense, 2004

4.2.7 Capelinha Divina Santa Cruz

Conta-se a história de que uma escrava que estava muito doente fugiu do Engenho Corredor. Na fuga, a escrava que estava bastante fraca caiu e morre, no local onde se encontra este pequeno santuário atualmente. A partir disto, certa senhora fez uma promessa, que todos os anos de sua vida, iria até lá, no dia 13 de maio, levando consigo um copo de vinho, acenderia velas e enfeitaria uma cruz com fitas. Com o pedido alcançado, os proprietários daquelas terras ergueram uma capela em homenagem à escrava que morreria. Diante disto, deu-se início a uma visita religiosa a capelinha, conhecida como Divina Santa Cruz.

A capelinha Divina Santa Cruz é localizada na Rua Ana Lins, a caminho do Engenho Corredor.

Figura 17- Capelinha.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 16- Parte interna da capelinha.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.8 Engenho Corredor

O Engenho Corredor foi construído no século XIX, pertencente ao Coronel José Lins do Rego Calvalcanti de Albuquerque, o “Bubú”, avô materno de José Lins do Rego. Está localizado a 2km da cidade, o corredor desenvolveu-se pela fertilidade das várzeas de cana. O conjunto arquitetônico é integrado pela casa-grande, casa de purgar, a casa de engenho é o mais rematado dos engenhos de várzea e o mais importante sítio histórico do vale colonial do Rio Paraíba, o qual foi berço do imortal escritor José Lins do Rego, em 1901.

O Engenho foi fonte de inspiração dos livros do ciclo da cana-de-açúcar: Menino de Engenho em 1932, Doidinho em 1933, Banguê em 1934, Moleque Ricardo em 1935, e o de memórias (Meus Verdes Anos), que apresentou a cidade de Pilar ao conhecimento Internacional; em contrapartida demonstra o apogeu e o declínio de uma sociedade rural e econômica da elite feudal dos engenhos do século XIX, quando a cultura da cana de açúcar prevalecia.

Atualmente, o Engenho Corredor se encontra sob a proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, por intermédio do Decreto de Tombamento nº 20.137 de 02 de dezembro de 1998.

O Engenho até meados de 2007 encontrava-se em “estado de ruína”, agonizava, com comprometimento de sua integridade física, problemas de instalações, e o mato que já cercava a propriedade. Em 2007, o Ministério Público Federal da Paraíba - MPF/PB se pronunciou para que haja a recuperação do Engenho Corredor, intervindo que o Iphan e o Iphaep apresentassem um laudo sobre as questões emergenciais e imprescindíveis para preservar a estrutura do engenho. Tendo o conhecimento de que apenas a casa grande ainda estava de pé, no qual se deparava em estado crítico de conservação e ameaça de desabamento. “O procurador lembrou ainda que o proprietário deve estar ciente de que cabe a ele a conservação e a integridade do imóvel tombado, sob pena de responsabilidade.”⁸

Em 2010, já havia indícios de mudanças daquele cenário, os proprietários Alba Regina e Joaquim Soares iniciaram os serviços emergenciais de limpeza. Hoje em dia, a restauração da casa grande foi realizada, a recuperação de outras

⁸ MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Procuradoria da República na Paraíba**. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/pb/sala-de-imprensa/noticias-pb/mpf-pb-quer-recuperar-patrimonio-historico-do-engenho-corredor>>. Acesso em: 06 set. 2016.

instalações também, como a casa de purgar e outros prédios do complexo do engenho, faltando apenas completar a restauração de alguns elementos. Recentemente serviu de cenário para gravação de um filme. O Engenho é aberto para visitas, mediante agendamento prévio com os proprietários.

Figura 18- Casa grande do Engenho Corredor em 2008, antes da restauração.



Fonte: Foto de Erinaldo Alves - <http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com.br/2008/06/decadencia-e-abandono-do-engenho.html>

Figura 19- Casa grande do Engenho Corredor, restaurada.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.9 Engenho Recreio/ Fazenda Recreio

Possessora de um rico acervo histórico do ciclo dos engenhos de açúcar, a Fazenda Recreio torna-se um dos engenhos mais completos para visitação pública. A Fazenda Recreio pertence à família Veloso Borges e funcionava nela a fábrica de iorgute La Muca.

Figura 20- Engenho Recreio.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 21- Casa grande do Engenho Recreio.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.10 Escola Estadual de Educação Infantil Doutor. José Maria

Em 1746, missionários liderados pelo capuchinho italiano Frei Francisco Antônio Maria de Modena construíram uma Igreja de estilo barroco simples, a nomeando de Convento Nossa Senhora Del Pilar. Os missionários construíram um colégio para ensinar e doutrinar a população cariri. O Colégio foi considerado o primeiro marco de desenvolvimento do município de Pilar. No local onde foi construída a Escola Estadual de Educação Infantil Dr. José Maria, situava-se uma das salas do convento.

Figura 22- Escola Estadual de Educação Infantil Doutor José Maria.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.11 Estação Ferroviária

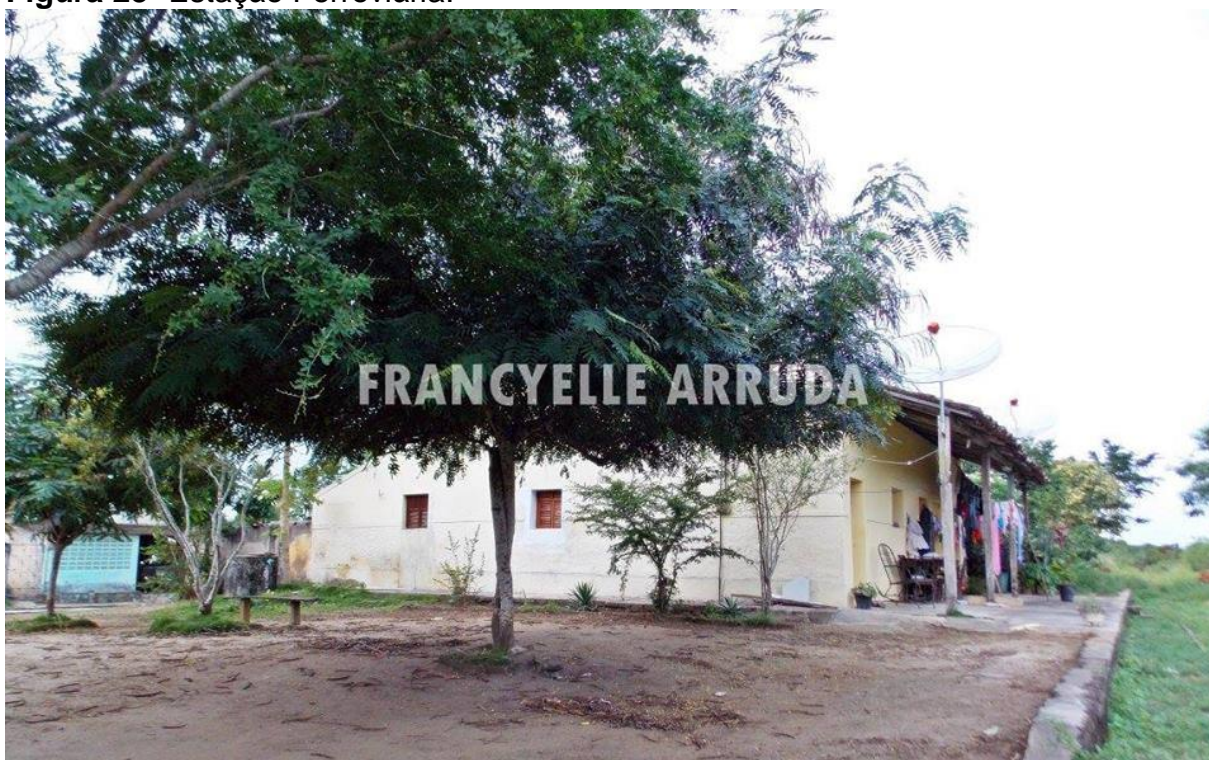
A Estação Ferroviária de Pilar foi inaugurada em 28 de dezembro de 1883, destacada como uma das seis primeiras estações de trem da Paraíba. O primeiro trecho inaugurado pela E.F. CONDE D' Eu em 1873 foi o da estação do Entrocamento (Paula Cavalcânti) a Camarazal (Mulungu). Em 1883, a linha férrea foi prolongada de Pilar (para implantar a linha do Brejo, ao norte) até João Pessoa. Pilar ficou como ponta de linha até 1901, quando o trecho acoplou até a fronteira de Pernambuco, foi inaugurada, ficando completa a conexão Paraíba (João Pessoa) a Recife.

Os trens em Pilar sempre tiveram destaque econômico, histórico e social, no tempo em que servia de meio de transporte humano, de caráter pessoal, na ocasião que transportou visitantes como o Presidente da República, Wenceslau Brás e, sobretudo quando auxiliava no fluxo de riquezas da Capital para o interior, assim como vice-versa.

A estação foi desativada nos anos 1990, o prédio foi tombado pelo IPHAEP em 2001, atualmente reside uma família. Os trens até alguns anos atrás funcionavam à noite, de forma precária, transportando cargas de trigo e milho, pois os trens que transportavam passageiros foram extintos no final da década de 1980

A estação ferroviária citada nos livros de José Lins do Rego e cenário do filme “Menino de Engenho”, de Glauber Rocha, em 1957, fundamenta-se num cartão postal para a cidade.

Figura 23- Estação Ferroviária.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.12 Fazenda Independência

A fazenda está localizada a poucos metros do município, voltada também para turismo rural, é rica em móveis antigos, também do período dos engenhos. A antiga casa é desativada, os proprietários construíram uma nova, nas dependências. Na fazenda funcionava a fábrica de leite Mugy.

Figura 24- Fazenda Independência.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 25- Parte desativada da Fazenda Independência.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.13 Fundação Menino de Engenho / Casa de Câmara e Cadeia

A antiga Casa de Câmara e Cadeia é um dos trinta e oitos monumentos homogêneo dessa ordem no Brasil e o único da Paraíba. Construída durante o Brasil Império, para exercer a jurisdição na região sobre caminhos, chafarizes pontes, taxava mercadorias, policiava, punia e legislava como era comum na organização portuguesa de vilas e cidades. A edificação, por mestres de fortalezas, limita uma extremidade da rua principal, ficando na outra extremidade restringida pela igreja, equilibrando a ordem plástica e psicológica.

A Casa de Câmara e Cadeia, atualmente, pertence à Fundação Menino de Engenho, tendo como fundador Heitor Coutinho Maroja. Funciona neste monumento, a Biblioteca 03 de junho, inaugurada em 03 de setembro de 1992, em homenagem ao nascimento do escritor José Lins do Rego, e no primeiro andar funciona uma sala de reunião.

Em 1859, este monumento histórico recebeu a visita do Imperador D.Pedro II, quando deu o beija-mão a sociedade paraibana.

Figura 26- Fundação Menino de Engenho (Antiga Casa de Câmara e Cadeia).



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

A Fundação Menino de Engenho, a antiga casa de Câmara e Cadeia ou Museu, assim conhecida popularmente; teve em dezembro de 1998, sua restauração concluída.

4.2.14 Igreja Nossa Senhora Del Pilar

A Igreja foi edificada em estilo barroco simples, na segunda metade do século XIX, a alguns metros da velha Igreja, edificada em 1746 pelos missionários capuchinhos, sob liderança de Frei Francisco Antônio Maria de Modena. Na Igreja há imagens multisseculares de São Fidélis e de Nossa Senhora Del Pilar entronizados por aquele missionário.

A Igreja Nossa Senhora Del Pilar, foi reconstruída pelos irmãos Virgínio e Agnaldo Veloso Borges, em 16 de janeiro de 1955. Atualmente, a Igreja passou por outra restauração, está realizada pela determinação e empenho da comunidade.

Figura 27- Igreja Matriz- Nossa Senhora Del Pilar.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 29- Diagonal da Igreja Matriz.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 28- Lateral da Igreja Matriz.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.15 Ponte Escritor José Lins do Rego

Em 1985, o rio Paraíba teve uma cheia, ocasionando a destruição da antiga ponte. Do Estado Ronaldo Cunha Lima inaugurou a atual ponte, obtendo 109 metros de extensão, homenageando o escritor José Lins do Rego, por ter sido edificada acima do rio Paraíba, cenário dos seus livros.

A ponte é visitada com frequência, principalmente nos fins de tarde, podendo-se contemplar dela, um belíssimo pôr-do-sol.

Figura 30- Ponte Escritor José Lins do Rego- parte inferior.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 31- Ponte Escritor José Lins do Rego – parte superior.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.16 Praça João José Maroja

A praça fica localizada no centro da cidade, a frente da Igreja Matriz (Igreja Nossa Senhora Del Pilar).

Figura 32: Vista da Praça João José Maroja.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.17 Praça José Lins do Rego / Antiga Praça João Pessoa

Os mais antigos contavam que neste local foram encontradas arcadas arqueológicas de arco e flechas, provavelmente dos Índios Cariris. A praça destacava-se entre as demais existentes na cidade pela beleza exuberante dos fícus ornamentais, pelo busto esculpido em pedra de José Lins do Rego e pelo coreto.

Figura 33- Praça José Lins do Rego.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 34- Busto de José Lins do Rego.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

O busto foi esculpido por Bruno Giorgio. Em 1951, foi inaugurado pelos escritores Apolônio Sales de Miranda (então prefeito de João Pessoa), Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz e por José Lins do Rego, que em seu discurso, disse apenas que se o Papa Rabo fosse vivo diria: “taí mais uma besteira do moleque do Corredor”.

No busto tem escrito: “José Lins do Rego romancista da terra, homenagem da Paraíba 1951”. Em 2001, uma placa foi fixada ao busto, em homenagem ao centenário do seu filho mais ilustre o escritor José Lins do Rego.

4.2.18 Rio Paraíba

Batizado de início de São Domingos, o rio Paraíba que no dialeto indígena quer dizer: “rio ruim, imprestável para navegação”. Constitui um cenário nas principais obras do escritor José Lins do Rego, onde recorda suas aventuras de criança nos banhos neste rio ao meio-dia, o “batismo” no Poço das Pedras por tio Juca e a temível cheia que fazia alagar tudo a sua volta.

Em abril de 1985, ocorreu uma grande cheia do rio, a cidade de Pilar se viu invadida, este fato, ficou marcado na história deste município.

Figura 35- Vista sobre a ponte do Rio Paraíba.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.19 Sobrado do Comendador Quincas Napoleão

O sobrado pertenceu ao prefeito de Pilar (1929-1932) e comerciante, Major Ambrósio Pereira. Posteriormente, o prédio pertenceu ao importante comerciante e Comendador Quincas Napoleão, transformando-o em um grande armazém que foi invadido por cangaceiros regido por Antônio Silvino, esse episódio está relatado no livro Fogo Morte e Menino de Engenho de José Lins do Rego.

No térreo do sobrado, funcionava a loja do armazém assim como um ponto de reunião, nos quais os ilustres mais importantes da cidade se reuniam para debater os acontecimentos mais relevantes daquela época. Na parte superior do prédio funcionava a parte residencial.

Figura 36- Janelões da parte superior do Sobrado.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

No Sobrado do Comendador Quincas Napoleão, hoje em dia funciona o Instituto Edward Trott, escola de ensino Infantil e Fundamental I, pertencente à Igreja Batista, e é localizado no centro da cidade.

Figura 37- Sobrado do Comendador Quincas Napoleão.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.20 Trilha do Ouro e Remanescente dos Índios Cariris.

A trilha era localizada às margens do Rio Paraíba, onde está localizada a Comunidade Baixa Verde, conhecida como a antiga Maloca, fica a 1km do centro da cidade. Pilar é marcada pelo registro da exploração aurífera, o qual foi uma das principais causas para o povoamento da vila, atraindo muitos aventureiros em busca de riquezas.

Figura 38- Comunidade Baixa Verde.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Figura 39- Antiga Trilha do Ouro e Remanescente dos Índios Cariris.

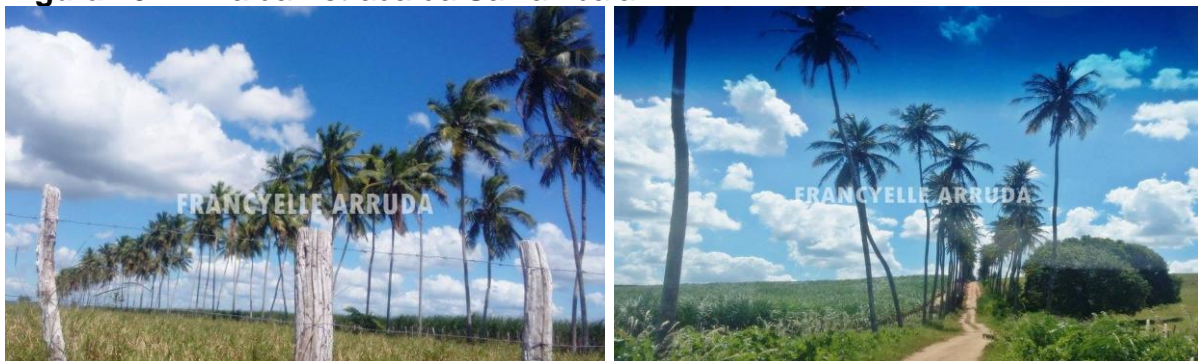


Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

4.2.21 Trilha da Estrada da Samambaia

A estrada de Samambaia ficou conhecida em virtude de um rio que carrega o mesmo nome (Samambaia), localizado nas proximidades da trilha. A trilha possui uma beleza extrema dos inúmeros coqueiros em seu declive e do verde ao seu redor, oportuno para realização de cavalgadas, caminhadas em sintonia com a natureza por cerca de 2 km.

Figura 40- Trilha da Estrada da Samambaia.



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

5 DESPERTANDO RECORDAÇÕES

A cultura popular é formada por um conjunto de elementos culturais específicos de uma região ou nação. A cultura popular é espontânea e caracteriza os sentimentos da sociedade.

Pilar é uma grande detentora de cultura marcada no Estado e no país, conhecida nas redondezas pelas festas populares que eram realizadas e que perdura nos dias atuais.

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Ecléa Bosi⁹

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS BENS CULTURAIS: PATRIMÔNIO IMATERIAL

O Hino de Pilar foi oficializado pela Lei nº 301 de 23 de setembro de 2002. Antes de ser regularizado oficialmente, foi executado em diversos eventos especiais da cidade.

A letra do hino de Pilar é do Antônio Costta (empresário e poeta) e música de José Cosmo de Souza (economista, músico por formação, instrumentista e compositor), ambos os cidadãos pilarenses.

A seguir podemos conferir o Hino de Pilar, que tem por título “Cantemos a Nossa Terra”.

⁹ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.413p.

Figura 41- Hino Oficial de Pilar.



Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/09/apreciacao-exploracao-escrita-e-oral-do.html>

5.1.1 Festas Populares

Segundo Nildo Lage, a cultura de um povo é o seu maior patrimônio, preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores [...].

5.1.1.1 Festa da Padroeira Nossa Senhora Del Pilar

A festa era comemorada no mês de janeiro, com a participação de pessoas ilustres da Capital e os habitantes locais. A missa era às dez horas, em latim. Nas festividades, compareciam os senhores de engenhos e suas cônjuges. A festa social

aconteciam no Pavilhão Central¹⁰, muitas vezes com disputa entre partidos: Ciganas x Baianas, Rosas x Margaridas, Marinhas x Aeronáutica e etc, não haviam nos festejos, o baile, pois o padre não consentia. Entretanto funcionavam parques de diversões, banda de música que alegrava todo o evento, queimas de fogos, leilões e alvoradas bem organizadas.

Na figura abaixo podemos observar o Hino em homenagem a Padroeira da Nossa Senhora Del Pilar, a letra é de autoria do Padre José Apolinário da Silva

Figura 42- Hino da Padroeira Nossa Senhora Del Pilar: Lírio Branco.

De esperança, amor e inocência. Como hino de luz brilhas bela Pela trevas da nossa existência.	Donde surge um clarão d' alvorada Esmagando o clamar do horizonte
A ti que és pura Mãe de ternura dos pilarenses Nossa Senhora Nós os teus filhos vimos agora Render-te um pleito já nesta hora	Ó que triste nos julga em vencido Desprezado do bem e da glória Se aos teus pés vai cair comovido Dais a crença e por fim a vitória.
Quem nos transe da mágoa inclemente	Pulcra flor do jardim da Judéia Teu celeste fulgor que traduz Para o encanto que tens toda ideia És pequenino sem brilho e sem luz.

Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

A festa da padroeira é comemorada atualmente na segunda semana do mês de outubro, precisamente no dia 12. Durante a semana é realizada missas e procissão pelas principais ruas da cidade acompanhadas de muitos fiéis, trazendo consigo a imagem de Nossa Senhora Del Pilar, em um andor ornamentado, na semana há realizações de novenas, leilões, queima de fogos e festa social. A festa da padroeira, continua tento o mesmo brilhantismo que antigamente.

¹⁰ Pavilhão Central é uma estrutura arquitetônica, apropriado para recepcionar diversos tipos de eventos. Em Pilar-PB, ficava localizado na frente da praça José Lins do Rego (antiga João Pessoa), com vista para o coreto, o pavilhão da cidade foi demolido em meados dos anos 2000.

5.1.1.2 Festa de Emancipação Política Municipal

É comemorada tradicionalmente no dia 14 de setembro, pela manhã, os cidadãos pilarenses são acordados com alvorada. É celebrada uma missa em ação de graças, logo após é realizada a Maratona Aguinaldo Veloso Borges, desde de 1985.

Há também desfiles cívicos que geralmente descrevem a nossa cultura e a vida de José Lins do Rego, festa com bandas musicais.

Figura 43- Desfile cívico.



Fonte: <http://tribunadovaleonline.blogspot.com.br/2014/09/neste-ultimo-domingo-14-foi-realizado-o.html>

Pilar também possui uma banda marcial, criada entre abril e maio, de 2011. A Banda Municipal de Pilar – BAMUPI realiza suas apresentações nos desfiles cívicos da cidade e das cidades vizinhas.

Figura 44- 26ª Maratona Aguinaldo Velloso Borges.



Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/UoSNle5tC34/maxresdefault.jpg>

Segundo Rogério, morador e também participante da maratona: “o percurso é imprevisível tanto faz vir de Café do vento ou de Curimataú. De Café do vento pra Pilar são 11km, e de Curimataú pra cá a distância é de aproximadamente 9km, a inscrição da maratona é realizada na Secretária de Educação, durante o percurso há uma assistência, entrega de água, um ônibus (para aqueles que não conseguem aguentar todo o percurso) e ambulância.” Ainda em relatos, ele traz como ponto positivo da prática da maratona, a interação e ressalta a importância da prática de uma atividade física, “ é uma forma de se divertir com os amigos, porque a gente não é atleta, damos uma de atleta”.¹¹

De acordo com outros moradores do município, nem sempre as festividades são realizadas no dia que é comemorada a data de Emancipação Política Municipal, quando cai nos dias de semana, as festividades sempre são comemoradas nos finais de semana.

Também é realizada na época das festividades de Emancipação Política do município a tradicional feijoada beneficente, realizada pela Paróquia Nossa Senhora Del Pilar, no ginásio poliesportivo do município. A feijoada geralmente acontece no domingo, no qual a maioria dos pilarenses se reúnem para prestigiar os shows de calouros, bingos e sorteios de prêmios, e degustar a famosa feijoada. Neste ano,

¹¹ Conversa concedida por Rogério morador do município de Pilar em 13 de setembro de 2016.

completa-se 20ª tradicional feijoada beneficente, em prol da reforma da calçada da Igreja Matriz.

5.1.1.3 Réveillon

As festas de fim de ano iniciavam com a missa até à meia noite, logo após apagavam-se as luzes, para a “transição” do ano novo, anunciado com fogos de artifícios. As famílias na maioria das vezes se confraternizavam-se em casa, outras iam para ao baile no centro da cidade, que geralmente eram no Pavilhão Central ou no Mercado Público.

5.1.1.4 Carnaval

O entrudo em Pilar era uma festa pagã, com roupagem nova, surgida depois do cristianismo. Nessa festa os fazendeiros e peões, brancos e negros, se divertiam em meio à água, farinha de trigo e polvilho, uma belíssima festa, pois ostentavam as belíssimas fantasias. Na época o baile era junto a José Costa, onde dançavam numa casa conhecida como Fomento, depois no Mercado Público e no Clube, havia o uso de lança-perfume com seriedade. O Bloco Caveiras era uma das grandes atrações.

Em meados dos anos 2000, a festa começa na sexta-feira, com o clássico “Bloco do Zé Pereira”; as ruas são tomadas por bois de carnaval, pela escola de samba: Mocidade Independente e Juventude 2001 e pelos blocos de arrastos: Bloco Sem Vergonha (o bloco saiu pela primeira vez em 1997 e a partir de então, se tornou o mais tradicional da cidade), Bloco “O Moleque Ricardo”, Bloco Pakera, Bloco das Virgens, Bloco La Bomba, Bloco do Rum, a turma do Pileke e a Turma dos Bambinos. O Bloco “Arroxa o Aro” na Comunidade da Uma, no Distrito de Curimataú “Os Cabaços” e na comunidade do Jacaré o “Bloco Kachimblema”

Atualmente o único bloco que ainda se mantém é o bloco das Virgens, e os grupos de amigos que se juntam e fazem camisetas padronizadas, além de um Bloco criado para as crianças, chamado Bloco do Picolé. O Bloco da Turma dos Bambinos saiu pela última vez em 2015. Os blocos saem do centro da cidade e

percorrem as ruas principais, e ao chegar à Praça do Povo¹², os foliões se dispersam. A festa, por ordem judicial, só pode acontecer até às duas horas da manhã.

Figura 45- Turma dos Bambinos.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=584974708303053&set=pb.100003715873942.-2207520000.1475381233.&type=3&theater>

Em conversa com a moradora do município de Pilar, Janielly relatou que: “o carnaval de antigamente”, poderíamos dizer que era um carnaval onde todo mundo saía de suas casas para ir brincar, se divertir, não víamos essas coisas de brigas, desavenças, todo mundo era animado, tinha muitos blocos, hoje em dia, já não se tem tantos, mas, o bloco mais velho de Pilar é o das virgens, o qual ainda se mantém e é o que puxa a maior parte dos foliões, que é realizado na segunda-feira de carnaval, o bloco já é tradição!

¹² Praça do Povo é conhecida como a praça central da cidade, em Pilar a praça recebe o nome de João José Maroja.

Antigamente existia o Bloco Sem Vergonha, o bloco da Turma do Rum, a Turma do Pileke, e o tradicional Bloco das Virgens. E na sexta-feira que era abertura de carnaval, com o bloco chamado Zé Pereira, o qual existe ainda nos carnavais atuais. Já participei diversas vezes do Bloco do Rum quando existia, e a partir de então o bloco acabou, e surgiu o um novo bloco, o Bloco da Turma dos Bambinos, o qual hoje em dia não existe mais também.

Dos carnavais antigos até os atuais, o que realmente existe é o Zé Pereira nas sextas-feiras de carnaval e o Bloco das Virgens, nas segundas-feiras de carnaval, os outros já não existem mais, só ficou na história! Os Blocos do sítios que ainda existe e fazem parte da cidade é o do povoado de Jacaré, o Kachimblema que ainda existe e é muito animado, uma parte das pessoas da cidade vão para lá, participar com eles, e no outro povoado Curimataú, existe o Bloco os Cabaços e o Arroxa o Aro, no sítio Uno.

Hoje em dia, também existe o bloco A Turma dos Errados, que começou com um grupinho de aproximadamente dez amigos, e com o passar dos tempos, os blocos foram se extinguindo e eles então resolveram se expandir formando um novo bloco, A Turma dos Errados.”¹³

5.1.1.5 Festas Juninas

Essas festas eram comemoradas com cirandas, coco de roda, quadrilhas tradicionais e forró pé-de-serra, realizadas regulamente no Engenho Corredor. Acendiam-se fogueiras, e distribuíaam comidas típicas.

Hoje em dia, os festejos juninos (São João e São Pedro) mantém a tradição das quadrilhas, fogos de artifício, fogueiras, comidas típicas, e apresentações de bandas regionais e locais.

Pilar possui duas quadrilhas: a Junina Coronel José Lins do Rego (aproximadamente 17 anos de existência) e a Junina Ação Nordestina (7 anos). A cidade também realiza festival de quadrilhas antigamente as apresentações aconteciam em frente ao Pavilhão Central, atualmente acontece no ginásio poliesportivo.

¹³ Conversa concedida por Janielly, moradora do município de Pilar em 13 de setembro de 2016.

Figura 46- Festival de quadrilha.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=254858694625791&set=pb.100003049868399.-2207520000.1475382733.&type=3&theater>

5.1.2 Manifestações Culturais

Manifestação Cultural são toda expressão humana através de celebrações, rituais, imagens ou até mesmo expressões veiculadas as linguagens, escritas ou verbais, que podem variar de região para região.

Em Pilar destacam-se numerosas manifestações culturais: bumba-meu-boi, o cantador de viola, o cavalo marinho, a ciranda, o coco de roda, figuras folclóricas, a lapinha, quadrilha, entre outros.

5.1.2.1 *Bumba-meu-boi*

O bumba-meu-boi é uma dança de origem negra, surgida no século XVIII no Nordeste, neste período o boi tinha grande importância simbólica e econômica , época do chamado “Ciclo do Gado), os grandes criadores eram os colonizadores

que faziam uso de mão de obra escrava. O bumba-meu-boi, é resultado da junção de elementos das culturas africanas, europeias e indígena.

A dança misturada com o teatro compreende elementos da tradição espanhola e portuguesa, com encenações de peças religiosas, o costume da dança do bumba-meu-boi foi otimizado pelos jesuítas que por meio das danças e pequenas representações, desejavam evangelizar os negros, os indígenas e os portugueses. Por ser uma festa de origem negra, sofreu perseguição das elites nordestinas e da polícia, sendo proibida sua realização no período de 1861 a 1868.

O bumba-meu-boi ela é uma dança e representação teatral, no qual os personagens são humanos e animais fantásticos, especialmente o boi, combinando elementos de drama, comédia, sátira e tragédia, demonstrando a fragilidade do homem e a força bruta de um boi. O enredo é contado através de cantos e declamações, e os fatos que permeiam a vida, morte e ressurreição de um boi.

A história pode ser contada com variações, dependendo da sua regionalidade, a estória contada basicamente é de uma escrava, Mãe Catirina (ou Catarina) que estava grávida, morava com seu esposo um vaqueiro-escravo, Pai Francisco (ou Chico). Catarina começa a ter desejos por língua de boi, e pede ao marido para satisfazer sua vontade, matasse o boi mais bonito da fazenda, mesmo contrariado, atende ao desejo da mulher. Quando inicia a matança, ele é descoberto e preso pelo feitor, percebendo a morte do animal, o dono da fazenda tenta a todo custo ressuscitar o animal, com a ajuda de curandeiros. O casal foge com o animal, porém como aquele animal era o predileto do patrão, é iniciada uma busca, depois de tentativas, foram achados os fugitivos e o boi morto, os quais foram levados a presença do patrão e do curandeiro. O animal ressuscita com um grande urro e o casal é perdoado, no momento do renascimento, os personagens dessa encenação gritam “bumba-meu-boi”, quando o boi volta a vida, todos festejam.

A figura central do auto, o boi, geralmente é feito com uma amarração de cipó coberta de chita, grande para que o homem fique dentro dessa alegoria, chamado de “miolo do boi”. Participa dessa festa também uma espécie de domador que acompanha o boi, o boi dança ao som de tambores, matracas, zabumbas, orquestras, entre outros que engloba vários estilos brasileiros, como abios, cantigas folclóricas, repentis e etc.

Essa manifestação cultural ainda é executada na cidade de Pilar, geralmente a dança é festejada no período junino, Natal e no carnaval, com apresentações de vários bois, destacando-se o famoso “Boi de Nair”.

Figura 47- Boi de Nair e Dona Nair.



Fonte: <http://pilarpb.blogspot.com.br/2013/09/desfile-civico-em-pilar-vai-homenagear.html>

Dona Nair foi uma mulher que contribuiu para o desenvolvimento da cultura e o folclore dos pilarenses.

5.1.2.2 Cantador de Viola

A cantoria de repente teve início, no Nordeste, em terras paraibanas, em meado do século XIX, com o surgimento dos primeiros cantadores e repentistas.

Existia em Pilar dois repentistas, que apresentavam seus versos, galopes, debates improvisados, repentes, prosas e as histórias decoradas, na zona rural ou até mesmo nos salões, a cantoria ia até altas horas.

5.1.2.3 *Cavalo Marinho*

O cavalo-marinho é dançado por homens, no período do natal em homenagem aos Santos Reis do Oriente. É uma variante do bumba-meu-boi. Os integrantes dessa festa apresentam-se descalços com roupas enfeitadas semelhantes a do boi de reis com chapéus espelhados de fita. Os personagens são divididos em três grupos: os humanos (Bastião, Mateus, Capitão e Caterina), os fantásticos (figuras mitológicas como Cabloco Arubá, a Mula-sem-cabeça, a Caipora) e os animais (o Cavalo e a Burra Nova). O capitão Marinho é quem comanda a cena.

O auto expressa às condições sociais dos engenhos: o Capitão Marinho representa o senhor do engenho; os negros, os escravos ou trabalhadores; os galantes e damas são as elites que vêm para a festa; o soldado é o representante da lei; o boi é um elemento constante para o homem do campo.

O enredo do auto é o seguinte: Mateus e Bastião são dois negros amigos que dividem a mesma mulher, Catirina. Os dois procuram emprego e são contratados para tomarem conta de uma festa. A festa foi dada por Capitão Marinho, em homenagem aos Reis Magos, na festa os negros passam a dizer que são os donos do lugar, então o capitão chama o guarda, a situação é normalizada, surge os Empata Samba, atrapalhando a festa; quando entra Mané no baile, inicia-se a festa, ponto alto da noite, cantam e dançam em louvação aos santos. O boi surge pela manhã e é dividido entre os participantes e assim é encerrado o espetáculo.

No município de Pilar, a festa era realizada geralmente no sítio Jenipapo ou na sede, nas ruas mais afastadas, prolongavam-se até altas horas, dançavam e cantavam as cantigas improvisadas, à luz de candeeiro ou a latas de carbureto. Atualmente não é mais praticada essa festa em Pilar.

5.1.2.4 *Ciranda*

É uma dança típica das praias de Pernambuco, surgiu também, nas áreas do interior da Zona Da Mata Norte do Estado, umas das cirandeiras mais conhecidas, Lia de Itamaracá. No Brasil, é comum definir ciranda como uma brincadeira de roda infantil, entretanto, no Nordeste ela é conhecida como uma brincadeira de rodas de adultos. A participação nesse tipo de dança não delimita faixa etária, sexo, condição

social, cor e não há limite de pessoas, pois se trata de uma dança comunitária e sem preconceitos. A coreografia é simples, todos dão as mãos, formando uma roda, a roda vai girando em sentido anti-horário, no compasso da música, dão-se quatro passos para a direita, começando-se com o pé esquerdo, na batida do bumbo, balançando os ombros de leve no sentido da direção da roda, há cirandeiros que acompanham o ritmo, erguendo e baixando os braços em mãos dadas.

Os integrantes são denominados cirandeiros e cirandeiras, contendo um mestre, o contramestre e os músicos, que geralmente ficam no centro da roda, podendo também, ficar fora. O mestre cirandeiro é o participante mais importante da ciranda, ele tira as cantigas/cirandas, improvisa versos; o contramestre toca o bumbo, e/ou a caixa, podendo também substituir o mestre, há três passos conhecidos dos cirandeiros, são eles: o sacudidinho, a onda e o machucadinho. Para a ciranda, não há trajes específicos.

A prática da ciranda em Pilar era conhecida pelos cirandeiros Luiz e Odete de Pilar. A dança ainda é executada no município.

De acordo com João, cidadão pilarense “as cirandas eram realizadas na Rua das Pedras, em Pita (organizador) e também na Rua da Serventia, o mestre cirandeiro era Luíz”.¹⁴

5.1.2.5 *Coco de roda*

O coco de roda é uma dança nordestina rica em poesia, expressões corporais e ritmo, acreditam-se que ela teve origem nos cantos dos trabalhos dos tiradores de coco em Pernambuco e Alagoas, nas mediações do São Francisco, e deriva dos sons tirados a partir da batida do fruto sobre uma pedra. A dança é formada por uma roda onde, em pares, os integrantes dançam conforme o ritmo do tirador, a pessoa que tira os cocos, que canta e improvisa versos no meio da roda. Os demais participantes não precisam de vestimentas próprias, e podem dançar descalços ou calçados, e acompanham com palmas e tocam instrumentos de percussão, ajudam no canto apenas no refrão. Na coreografia existem marcas dos bailados indígenas e influências africanas.

¹⁴ Conversa concedida por João, cidadão pilarense em 14 de setembro de 2016.

Em Pilar, era dançado em forma de roda e ao som de tambores e cantigas rimadas. Para animar mais a festa havia a umbigada¹⁵, usadas para convidar os participantes a entrarem no centro da roda ao sim de zabumbas, pandeiros, zangas, caracaxás e cuícas, instrumentos básicos. De mãos dadas, homens e mulheres faziam este gesto, sem maldade, com naturalidade. Odete de Pilar, também era destaque nessa dança.

Figura 48- Cantadora de ciranda e coco de roda – Odete de Pilar.



Fonte: <https://www.facebook.com/odetede pilar/photos/a.477631892411668.1073741828.477626412412216/477636575744533/?type=3&theater>

5.1.2.6 Figuras Folclóricas

Pilar terra de muitas pessoas considerada folclóricas como Marreco, Rainha de Curimatau, Zefa da Burra, Grenfo, Chibata Preta, Gérson, entre outros. Destaca-

¹⁵ As danças de umbigada são danças com tambores, danças de batuques. Batuque é o instrumento, a percussão e o acontecimento, a performance da manifestação. A umbigada é um gesto presente nessas manifestações, é o encontro de umbigos que significa um convite ou uma intimação usado pelos dançarinos para convidar alguém para o centro do círculo ou tirar de dentro. Disponível em: <<http://arodadosbrincantes.blogspot.com.br/2012/03/dancas-de-umbigada.html>>. Acesso em: 12 de set. 2016.

se entre essas figuras folclóricas uma indigente, que morava na calçada da estação ferroviária, conhecida como a Chibata Preta. O poeta Antônio Costta (2003), em seus versos, conforme apresentado na figura 49, lembra e deixa viva a memória da Chibata Preta.

Figura 49- Poema “em homenagem” a Chibata Preta.

CHIBATA PRETA

*Quem é que não se lembra
De uma negra, CHIBATA,
Que morava na Estação
E cozinhava em uma lata?*

*Eu vinha de Chã de Areia,
Por Figueiredo passava,
E chegando na Estação
Chibata Preta encontrava!*

*Conhecida por Chibata,
Chibata, Chibata Preta;
A pobrezinha, coitada,
Não tinha posses nem letra!*

*Era uma pobre indigente
Que morava bem ao léu;
Tinha por cama o chão
E por cobertor, o céu!*

*Um amontoado de lixo
Na margem daquela rua;
Era a “casa” de Chibata,
Iluminada pela lua...*

*E por que “Chibata Preta”,
Também queres entender?
N’era porque tinha u’a chibata
Pra si mesma defender...*



*Era porque a pobrezinha,
Que cozinhava em uma lata,
Era magra e pretinha
Parecendo uma chibata!...*

*Era a Chibata Preta
Conhecida no Pilar
E também da região
Que vinha nos visitar.*

*Era o terror das crianças
Aquela negra Chibata,
Que morava na Estação
E cozinhava em uma lata!...*

*Mas um dia a pobrezinha
Partiu da nossa cidade;
Pois passava frio e fome,
Tamanha necessidade!*

*E Pilar ainda se lembra,
E alguns sentem saudade;
Daquela mulher pretinha...
Que partiu pra eternidade!*

© Antonio Costta
(do livro Um Juntador de Palavras - 2003)

Fonte: <http://pilarpb.blogspot.com.br/2015/05/chibata-preta.html>

De acordo com Carla, “Gérson é considerado por muitos uma figura folclórica desta cidade com sua marca registrada por seguir as mulheres, geralmente até em casa, e por seu bordão: “me dá uma patinha?”. Um senhor “indefeso” que ficava perambulando pelas ruas com um pau que lhe servia de apoio para caminhar e uma sacola plástica debaixo de seu braço. Dizem que ele “era normal”, até sofrer uma desilusão amorosa, tinha sua casa toda mobiliada (móveis ainda plastificados). Infelizmente, Gérson faleceu este ano.

Sobre Marreco, ela relatou que: “é um senhor que mora sozinho na subida da rua do cruzeiro, numa casinha de sapê, caindo os pedaços (não aceitava que fizessem uma reforma), juntava garrafas plásticas, costumava fazer um foguinho

rente a rua para cozinhar. Não é muito fã de tomar banho, seu cabelo e barba são enormes. Hoje em dia, já construíram um novo quartinho para ele.¹⁶

5.1.2.7 *Lapinha*

A lapinha ou pastoril é uma dança folclórica trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses. É um folgueto que integra o ciclo de festas natalinas do Nordeste, conta a história de um grupo de pastorinhas que viajavam até Belém à procura do menino Jesus. A lapinha, também conhecidas como pastoril, pastorinhas, bailes pastoris e eram representadas em autos diante do presépio.

Antigamente, a lapinha era representada por um arcabouço de ripas, onde se viam entrelaçados ramos de folhagens de pitangueira e de canela, que perfumavam o ambiente, sendo enfeitadas por rosas e cravos. Atualmente, a lapinha é o ramo profano da representação dramática da Natividade, relacionando-se mais às iniciativas leigas, por ocasião do Natal.

É formado por um grupo de meninas com idades variando de oito a quinze anos. Há dois cordões: o Encarnado (comandado pela Mestra) e o Azul (comandado pela Contramestra). Fazem parte do auto, Estrela, Anjo, Camponesa, Libertina, Lindo Cravo, Linda Rosa, Ciganas, Pastorinhas, Borboletas, Lino e Diana. As pastoras usam vestes coloridas ou pelo menos brancas com detalhes coloridos, portando maracás que eram feitos de flandes em forma de pequenos pandeiros munidos de cabos, enfeitados com cores dos cordões, por meio de fitas, marcando o ritmo das jornadas.

Formam-se duas alas uma puxada pelo anjo e outra pelo Guia, com a Cigana atrás, entre duas as pastoras que previamente se reúnem numa sala contígua a presépio, e entram dançando nesta última quando era anunciada cada jornada.

No município de Pilar, a lapinha era dançada em palanques no pátio da Igreja católica; e nas casas, onde era montado o presépio. A apresentação se caracterizava pelo desafio dos cordões e pela riqueza do bailado, jornadas repetitivas que eram cantadas com muita alegria. Por sua vez, o auto pastoril tem suas tradições neste município, vinculadas por Zefa Cajá, Dona Mêrces, à Zefinha Deodato, Dona Idalina, que organizavam o evento, e lembradas por Maria Medalha,

¹⁶ Conversa concedida por Carla, cidadã pilarense em 14 de setembro de 2016.

Cinha de Dona Ornila, Palmira, entre outras que ainda podem contar o brilho desta manifestação cultural.

5.1.2.8 Quadrilha Junina

Alguns registram relatam que a quadrilha teve sua origem na Inglaterra, por volta dos séculos XIII e XIV. Após a guerra dos Cem anos entre a França e Inglaterra, a França aderiu à quadrilha e levou a dança para os palácios, tornando-a uma dança da nobreza, se espalhando pela Europa entre os séculos XVIII e XIX. E foi no século XIX que a dança chegou ao Brasil, trazida pelos portugueses.

Vertiginosamente essa dança de salão e precisa da nobreza, ficou conhecida, e abalou o nosso povo festeiro e alegre. Salientando que a quadrilha é uma dança de características dos caipiras, pessoas que habitavam na roça e têm costumes singulares e criativos.

Nos dias de hoje, a dança apresenta marcações intercaladas com o português, francês, francês macarrônico, linguagem sertaneja e o matutês, utilizando expressões como: “Anarriér” (comando para voltarem às posições iniciais); “Balancê” (de braços dados e andando, as damas balançam o vestido, e os cavalheiros dançam); “Alavantú” (todos os casais vão para a frente) “ Olha o túnel” (os noivos elevam os braços para cima e, de mãos dadas, fazem o túnel onde todos passam); “ Olha a cobra” (as damas gritam e pulam no colo do cavalheiro); “Caminho da roça”, entre outros.

A parte brasileira na quadrilha é a encenação teatral, de uma casa, emento na roça, geralmente a moça é filha de um fazendeiro importante e o noivo, só se casa na mira de uma espingarda, a quadrilha em si, torna-se a festa deste casamento.

Antigamente as festas juninas em Pilar eram representadas pelas quadrilhas: Quadrilha Coronel José Lins, Quadrilha Infantil Arco-íris, Quadrilha Infantil Menino de Engenho, Quadrilha Arraiá da Esperança, Quadrilha Infantil Pureza e Quadrilha Arrasta-Pé da Felicidade. Atualmente a cidade dispõe de duas quadrilhas a Junina Coronel José Lins e a Junina Ação Nordestina, além das apresentações de suas duas quadrilhas, geralmente em praça pública, há uma realização de festival de quadrilha, quadrilhas convidadas para se apresentarem na cidade.

A cidadã pilarense Maria José Alves Martins, em 1999, conhecida como Maria resolveu realizar uma atividade com o intuito de ocupar a juventude e incentivar a

atividade cultural do local. O projeto foi adotado pela comunidade e se tornou um dos principais marketing cultural da cidade. O projeto idealizado por Maria era de uma quadrilha junina, a Quadrilha Coronel José Lins do Rego.

No corrente ano, a Quadrilha Junina Coronel José Lins completa 17 anos de sua existência e é mantida por iniciativas da sociedade local através de doações, livro de ouro e rifas.

A Junina Ação Nordestina foi criada a partir de um grupo de jovens do Projovem¹⁷, que sentiu a necessidade de introduzir uma quadrilha nas festividades do São João da Secretária de Ação Social da cidade. A origem do nome da quadrilha se deu através de uma brincadeira no Projovem, onde o jovem Aglaylton teve a ideia de fazer a junção das duas palavras Ação (por se tratar de uma quadrilha da Secretária de Ação Social) e Nordestina (por ser uma quadrilha que trata de situações da região Nordeste). Com a finalidade de conservar a convivência em grupo, de forma produtiva e cooperativa, os integrantes da quadrilha através de oficinas confeccionam e decoram suas próprias roupas.

Figura 50- Quadrilha Junina Ação Nordestina - 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=270138866456049&set=a.112043995598871.16631.100003798147153&type=3&theater>

¹⁷ Programa do Governo Federal destinado a jovens de 15 a 17 anos pertencentes às famílias beneficiárias do Bolsa Família.

Em conversa com alguns moradores de Pilar, obtivemos algumas informações a mais sobre essas duas quadrilhas que se matem ativa na cidade:

“A quadrilha de Maria, a gente sabe que é a mais tradicional na cidade, é a quadrilha junina mais antiga do município”.

“A Ação Nordestina logo no início era só um grupinho, até então os integrantes participavam das duas quadrilhas, porque a Ação Nordestina só se apresentavam quando tinha algum evento, as festividades da Ação Social, aí depois que se formou uma quadrilha grande, a partir daí, os integrantes tiveram que escolher em qual das duas queriam fazer parte, devido às viagens, as apresentações, entre outros motivos; é tão tal, que podemos observar que alguns integrantes que dançam na Ação Nordestina, dançavam na Coronel Zé Lins.”¹⁸

Figura 51- Quadrilha Junina Coronel José Lins.



Fonte: <https://www.facebook.com/752936131424845/photos/pcb.1198333893551731/1198328456885608/?type=3&theater>

¹⁸ Conversa concedida por moradores do município em 13 de setembro de 2016.

5.1.3 Vaquejada, Corrida de Argolinha e Cavalgada

A vaquejada é a festa mais popular e tradicional do ciclo do gado nordestino. De início a vaquejada, marcava apenas o encerramento festivo de uma etapa de trabalho. Os coronéis e senhores de engenho, após perceberem que a vaquejada poderia ser um passatempo para as suas mulheres, e seus filhos, tornaram a festa um novo esporte.

Após perceber que a vaquejada havia se tornado um esporte, os coronéis e senhores de engenho, começaram a organizar algumas disputas. Atualmente, as vaquejadas são compostas por vaqueiros e pelos bois.¹⁹ São palavras típicas de vaquejada do Nordeste: valeu boi, rabo da gata, zero, arrocha o nó, sair do boi, ficou no meio, queimada, boi riscado, entre outros.

O município de Pilar destacava-se pelas vaquejadas, a prática era executada em grandes pátios com curral, no Engenho Corredor ou na sede na Av. Anísio Pereira Borges (antiga rua do Compra Fiado). A festa era graciosa, atendia um grande público, além dos cavalos famosos e homens corajosos como Sr. Augusto Bernardo e a família Lins. A prática da vaquejada ainda é existente no município.

De acordo com Emanuel, cidadão pilarense e “amante do esporte”: “a vaquejada no município de Pilar se viu renovada com a construção de novos parques de vaquejada, em meados dos anos 2000, o primeiro deles a ser construído neste período foi o Parque Nossa Senhora Del Pilar, localizado no sítio Filgueiras, e de propriedade de João Vaqueiro ou João doido (como nós o conhecemos), este pátio foi responsável por reascender o desejo, a cultura e o prazer que o cidadão pilarense sempre teve pelo esporte vaquejada, que no entanto estava um pouco esquecido!

Influenciados pelo desejo e amor pela vaquejada surgiram novos pátios de vaquejada na cidade: Parque Independência, localizado na Fazenda Independência a pouco mais de 2km da zona urbana, e de propriedade de José da Silva e de seus filhos Eduardo e Anísio. O Parque Recreio, localizado no antigo Engenho Recreio, localizado a pouco mais de 3km da zona urbana e de propriedade de Pedro Ribeiro, sendo este o parque da atualidade pilarense, onde acontece as maiores provas e com maiores premiações de vaquejada, onde grandes atletas de sela (vaqueiros

¹⁹ Leia mais sobre a história da vaquejada em: <<http://tudosobrevaquejada.webnode.com.br/historia-da-vaquejada/>>.

profissionais da vaquejada) já vieram participar das disputas de gado em Pilar. No corrente ano, o Parque Recreio foi alugado a um fazendeiro cearense que trocou o nome do pátio, para Parque Padre Cícero em devoção ao Santo de seu estado natal. Porém a história da vaquejada pilarense, ali, sempre será o Parque Recreio.

Existe também o Parque Maria José, localizado a 4km aproximadamente da zona urbana e pertencente a Anderson Oliveira. Por fim, ainda está em construção um novo parque de vaquejada, em fase final, de propriedade da família Lins, uma das famílias mais tradicional no âmbito da vaquejada, no município de Pilar.”²⁰

A corrida de Argolinha é um jogo que foi trazido para o Brasil pelos portugueses no século XVI, muito praticado nas cidades de interior Nordeste. A corrida é executada pelos homens montados em seus cavalos sempre em velocidade, no qual devem retirar/ resgatar as argolinhas do tamanho de um anel, que estão presas em postes enfeitados. Neste ano, foi realizada a corrida, denominada de “argolinha show”, organizada por um grupo de amigos, assim como a Cavalgada Nossa Senhora Del Pilar.

A cavalgada é uma manifestação cultural, realizada por um grupo de cavaleiros e amazonas, de qualquer idade, caracterizando uma prática importante na cultura nordestina, e ela pode atingir diferentes objetivos esportivo, religioso, cívico, ecológico, diversão e etc.

Figura 52: Cavalgada Nossa Senhora Del Pilar.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=161957720828851&set=a.120580728299884.1073741827.100010438725279&type=3&theater>

²⁰ Conversa concedida por Emanuel, cidadão pilarense em 26 de setembro de 2016.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desse trabalho, tivemos a intenção de compreender um pouco sobre a formação da identidade do município de Pilar, através de dados bibliográficos, e relatos de moradores. Procurando evidenciar que a conservação dos patrimônios construído de uma cidade é mais do que preservar sua estrutura arquitetônica, é preservar a memória, a história e a identidade de um povo.

Nesse contexto em que vivemos de globalização, onde as pessoas geralmente fazem as mesmas coisas, é essencial ter a manutenção da cultura e da história, tornando-se, o diferencial para a identificação de grupos sociais. Faz-se necessário uma reflexão sobre o que é a conservação e a preservação e o que ela representa, ressaltando a importância de proteger a memória e de promover manifestações culturais. Não é apenas de aspectos físicos que se constitui a cultura de um povo, a herança cultural dos povos, está contida em tradições, saberes, manifestações culturais, festas, entre outros. Para muitas pessoas, o patrimônio imaterial é uma fonte de identidade, principalmente para os povos indígenas e minorias étnicas, que conduzem sua própria história.

As cidades históricas resguardam a memória do povo, abrangendo o conhecimento de como a população vivia em outros tempos, e de conhecer os lugares que naquela época evidenciaram acontecimentos históricos. Pilar é exemplo marcante na construção de momentos históricos de nosso país, principalmente, no Estado da Paraíba. Pilar registra em 01 de junho de 1901, o nascimento de José Lins do Rego, escritor, referenciado até os dias atuais por seus romances, crônicas, histórias infantis, entre outros. Pilar também teve o prestígio de receber a visita de D. Pedro II, além de pessoas marcantes para a construção de nossa história, ela também é detentora de uma antiga Casa de Câmara e Cadeia, uma das poucas ainda preservadas no Brasil e a única do estado da Paraíba e de patrimônios arquitetônicos belíssimos. Assim como portadora de uma cultura regional singular, admirável.

No Brasil, é considerado cidade histórica aquela que possui construções tombadas por um órgão público, Federal, Estadual ou Municipal; Uma construção tombada não pode ser derrubada, agredida ou alterada. A preservação do patrimônio histórico não é apenas uma questão do Poder Público, e sim, de toda sociedade. Nesta perspectiva é preciso que haja uma conscientização por parte de

todos os pilarenses. Talvez essa forma, seja a maior e a melhor homenagem que poderiam oferecer todos os dias a cidade: conscientização na busca da proteção e preservação dos bens patrimoniais, históricos e culturais do município.

Uma cidade tão encantadora, pequenina, pacata, aconchegante e tão cheia de história, como Pilar, deve valorar sua riqueza histórica, suas raízes, zelar pela proteção, preservação e conservação, contra o vandalismo em seus bens culturais. Proporcionar políticas públicas de preservação, ações educativas, deixar mais favorecida seu potencial histórico e principalmente resgatar suas culturas.

Conhecer a história da cidade e seu processo construtivo é saber que cada indivíduo faz parte deste processo como ser ativo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Madalena Zambi de; MASSONI, Luiz Fernando; MORIGI, Valdir José. **GT 10: Informação e Memória: Festas étnicas, memória e patrimônio cultural: Informações sobre a oktoberfest nos sites oficiais de divulgação do evento.** ENANCIB.2013.

ALVES, ERINALDO. **Ensinando Artes Visuais.** Postado por Ensinando Artes Visuais em 16 de jun. de 2008, as 21:36. Disponível em: <<http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com.br/2008/06/decadncia-e-abandono-do-engenho.html>>. Acesso em: 06 set. 2016.

ANDRADE, Ricardo Sodré; FREIXO, Aurora Leonor; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da; TERSO, Iole Costa. **Cultura, representação e informação digitais.** Salvador: EDUFBA, 2010.

ARÉVALO JORDÁN, Víctor Hugo. **La descripción colectiva de los archivos – 1ª ed.** Córdoba: Ediciones del Sur, 2005.

BEZERRA, Eutrópio Pereira. **Patrimônio cultural, Memória e Preservação: identificação e mapeamento dos bens culturais do Vale do Gramame, João Pessoa – PB.** 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado Ciência da Informação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

BEZERRA, Fernando Cesar de Castro; CASTRO, Ricardo de Vieiralves de; MOLLER, Renato Cesar; PEREZ, Juliana Aieta; SÁ, Celso Pereira de. **A memória histórica do Regime Militar em três gerações: conteúdo factuais e juízos críticos.** Psicologia: Teoria e Prática – 2008, 10 (1), p. 36-51.

BIAVASCHI, Magda Barros; LÜBBE, Anita; MIRANDA, Maria Guilhermina. **Memória e preservação de documentos: Direitos do Cidadão.** São Paulo: LTr, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos.** 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p.484. Disponível em: <<http://www.patio.com.br/labirinto/memoria%20e%20sociedade.html>>. Acesso em: 06 abr. 2016.

BRITO, José Augusto de. **Pilar é história.** João Pessoa: Ideia, 2005. 182p.
COMITÊ DA BACIA HIDROGRAFICA DO RIO SÃO FRANCISCO. **Coco de roda, você sabe o quê é?** Disponível em: <<http://cbhsaofrancisco.org.br/coco-de-roda-voce-sabe-o-que-e/>> Acesso em: 12 set. 2016.

CASSIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. **A Pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

CIDADE – BRASIL. **Município de Pilar**. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-pilar.html>>. Acesso em: 24 maio 2016.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016, nos termos do Decreto de Delegação de Competência de 12 de novembro de 1991. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2016.

COSTTA, Antônio. **Documentário sobre Pilar-PB (TV ASSEMBLÉIA)**. Pilar 14 nov. 2015. Disponível em: <<http://pilarpb.blogspot.com.br/2015/11/documentario-sobre-pilar-tv-assembleia.html>>. Acesso em: 11 maio 2016.

COSTTA, Antônio. **Desfile cívico em Pilar vai homenagear mestra do folclore neste domingo**. Pilar 14 set. 2013. Disponível em: <<http://pilarpb.blogspot.com.br/2013/09/desfile-civico-em-pilar-vai-homenagear.html>>. Acesso em: 10 set 2016.

COSTTA, Antônio. **Chibata Preta: Um juntador de palavras – 2003**. Pilar 05 jun. 2015. Disponível em: <<http://pilarpb.blogspot.com.br/2015/05/chibata-preta.html>>. Acesso em: 12 set.2016.

ESCOLA DE SAMBA CANTO PARA VIVER. **Gêneros musicais do Brasil**. Disponível em: <<http://www.cantopraviver.com/cavamarinha.html>>. Acesso em: 12 set. 2016.

FARIA, Gerson Geraldo Mendes; GUIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. Patrimônio histórico: como e por que preservar. [et al.]. Bauru, SP: Canal 6, 2008. Disponível em: <http://creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2016.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Bumba-meu-boi**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=40485>>. Acesso em: 11 set. 2016.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Ciranda**. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=519>. Acesso em: 12 set. 2016.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social, In: GONDAR, Jô; DODEBEL, Vera. **O que é memória social**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

MELO, Daniella Alves de; FRANÇA, Diego da Silva; FÉLIX, Josilene da Silva; FREIRE BEZERRA, Juliana. Cultura e desenvolvimento local: **uma análise sobre o folk-ativismo na quadrilha junina Ação Nordestina**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2300-1.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Procuradoria República na Paraíba**. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/pb/sala-de-imprensa/noticias-pb/mpf-pb-quer-recuperar-patrimonio-historico-do-engenho-corredor>>. Acesso em: 06 set. 2016.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e pesquisa em ciências sociais. 2ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

PARAÍBA CRIATIVA. Disponível em: <<http://www.paraibacriativa.com.br/artista/pilar/>>. Acesso em: 11 maio 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed -3. Reimpr. – São Paulo: Atlas 2006.

PORTAL IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>> Acesso em: 07 abr. 2016.

PORTAL VAQUEJADA. **História da vaquejada**. Disponível em: <<http://tudosobrevaquejada.webnode.com.br/historia-da-vaquejada/>>. Acesso em: 24 set. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PILAR. Disponível em: <<http://www.pilar.pb.gov.br/inicio/>>. Acesso em: 24 maio 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PILAR. **Um pouco da história de Pilar**. Disponível em: <<https://marioskol.wordpress.com/2009/11/19/historia-de-pilar/>>. Acesso em: 11 maio 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.faatensino.com.br/wp-content/uploads/2014/11/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf>> Acesso em: 24 maio 2016.

SAULO, Joan. **Quadrilha Junina Coronel José Lins do Rego: 15 anos de história**. Disponível em: <<http://joan-saulo.blogspot.com.br/2014/06/quadrilha-junina-coronel-jose-lins-do.html>>. Acesso em: 16 set. 2016.

SILVA, Dacles Vágner da. **Da Idade da Pedra ao documento audiovisual: a gestão da informação nos documentos audiovisuais das manifestações culturais e populares da Ensaio Brasil**. 2011. 76p. Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Arquivologia). Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa, 2011. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2994/1/PDF%20-%20Dacles%20V%C3%A1gner%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SILVA, Lucimário Augusto da. **Pilar** Aldeia Cariri à Cidade Educadora (1758–2002). . Sebrae. 2002.

SILVA, Lucimário Augusto da. **Pilar**, da Aldeia Cariri aos Nossos Dias (1758-2007). F&A Gráfica e Editora, 2.ed, João Pessoa, 2007. 168p.

VIEIRA, Leonel - In Seminário: «Cruzeiros de Lousada», Universidade Portucalense, 2004

APÊNDICES

APÊNDICE A - Diário de Campo

1ª Parte

Olá! Para aqueles que querem entender o processo de construção da minha monografia, deixarei transcritos todos os artifícios utilizados. A escolha do tema e título, essa foi à parte mais fácil para mim, pois desde criança, sempre tive em mente, a importância de uma cidade histórica, e cresci escutando relatos e convivendo presencialmente com manifestações culturais e frequentando os bens culturais materiais da cidade de Pilar-PB. Então, desde a época do ensino fundamental, eu havia decidido que se eu ingressasse em um curso superior, faria meu TCC, em alguma área a qual pudesse ser correlacionada a alguma história ou atividade relacionada a este município. Assim fiz, quando fiquei sabendo que na grade curricular do curso de Arquivologia, havia uma eletiva “Memória e Patrimônio Cultural”, e que seria ministrada pelo Profº Me. Eutrópio Pereira Bezerra, meus olhinhos brilharam, logo pensei: é agora, essa é a minha chance! No sexto período do curso, já fiz meu primeiro contato com o professor Eutrópio (gente, ele é o cara, no assunto!), e lancei minha proposta: “Professor, no meu TCC queria fazer algo correlacionado com o município de Pilar, é uma cidadezinha, porém grande em riqueza histórica e patrimonial. Elenquei alguns patrimônios materiais e imateriais da cidade, e antes mesmo, de eu terminar de falar ele já disse: ‘EU QUERO’”, e foi assim que ele se tornou meu orientador.

Alguns dias depois, me deparo com ele em um dos corredores da universidade, e aproveito a oportunidade (pois não é fácil, encontrar esse homem na universidade!), para saber o que eu já podia ir fazendo para adiantar a coleta de dados, logo, ele me perguntou: “você irá fazer monografia ou artigo?”, prontamente e sem pestanejar, respondi: monografia! Com a escolha definida, ele me pediu para já ir identificando os patrimônios materiais e os imateriais.

Quando comecei a cursar o sétimo período, vi que agora sim, não poderia mais perder tempo, pois tínhamos que elaborar o famoso Projeto de Pesquisa, (e que projeto trabalhoso!), ao menos eu já estava meio caminho andado, tema de abordagem e título em construção, e se torna mais produtivo e construtivo quando gostamos do tema, e temos proximidade com o ambiente de abordagem. É chegada a hora... Entregar o projeto de pesquisa a Profª. Drª. Suerde Miranda de Oliveira Brito. Gente, vocês não têm noção quantas noites acordada, madrugada adentro,

elaborando o projeto e a apreensão em receber esse projeto corrigido. Nossa o temido dia chegou, a professora marcou horários individuais com cada discente, para devolver, pontuar, mostrar e conversar com cada um. Sério, nesse dia o coração batia mais rápido, o pensamento: “ah, vai ter muitos erros”. Que nada! Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Ajudou-nos bastante, cada parte grifada e dúvidas retiradas pela professora. A parte mais dolorosa foi quando ela me perguntou se eu já tinha orientador, e eu respondi, sim, já tenho, é Eutrópio, e vi no olhar dela, um semblante de pena, por não estar sendo ela... “ah, eu queria ser sua orientadora” (a professora, têm familiares em Pilar), pedi desculpas com o coração partido, mas tudo bem, como ela falou estou em boas mãos “Tropinho é o cara!”.

No dia 5 de abril do corrente ano, fizemos uma festa surpresa para os professores Eutrópio e Anna Carla, e foi durante a festa mesmo, após cantar os parabéns e comermos que chamei o professor e disse, sente aí um pouquinho, e me diga qual o próximo passo, a se fazer (como já havia mencionado antes, temos que aproveitar todas as oportunidades, pois o tempo dele é muito corrido), então ele, me falou que se eu já tivesse terminado a identificação de todos os bens materiais, eu começasse a fazer, o mapeamento dos bens. Em 5 minutos que passamos sentados, fazendo o planejamento, ele rabiscou duas folhas do meu caderno, com informações, o próximo passo não era colocar em prática o que ele me falou e sim, utilizar todos os conhecimentos das aulas de Paleografia rsrsrsrsr (brincadeira).

Chegamos ao oitavo período e com ele as insônias mais intensificadas. O último período (turno da manhã), o TCC (a nossa mente fica o tempo todo processando essa informação), daí começa as perguntas mais agoniantes: Será que eu vou conseguir finalizar a tempo? Será que vou conseguir fazer tudo aquilo que planejo? Gente é o último período, com essa turma linda (Turma 2012.2). Tudo isso influência nas noites mal dormidas.

Hora de entregar a documentação com o nome do orientador, tema e título, caso já tenha definido. Ao levar a documentação já preenchida, apenas para o professor assinar, ao ler o título da minha monografia, ele se maravilhou “Poxa, gostei muito do seu título, gostei mesmo!”, e me repetiu essa frase por mais umas duas vezes, quando me encontrava pelo corredor da universidade. E falei para ele, não se preocupe o senhor não vai ter dores de cabeça comigo! Haha (espero não ter dado).

Durante o recesso da universidade (férias), vamos curtir aproveitar para desopilar um pouco a mente, que nada! Viajei para Pilar, e fui à procura de mais informações, e fazer o mapeamento. Fiz o mapeamento, com a ajuda da minha prima Janielly que me retirava às dúvidas, de onde se localizava cada bem patrimonial, os quais eu não lembrava exatamente o seu “ponto fixo”. E foi assim que fiz “meu mapinha” (forma carinhosa de chamar), com as lembranças dos lugares que eu já havia percorrido durante minha infância e adolescência, pois ainda não tinha tido a oportunidade de ir a todos os lugares, novamente para tirar fotos.

De volta as aulas, e fui surpreendida pela professora de Seminário de Pesquisa em Arquivologia (Profª. Suerde), me convidando para apresentar o meu projeto de pesquisa, pois eu já estava coletando os dados. No dia anterior da apresentação mal dormi, o “sistema nervoso atacou” e para completar estava doente, passei a noite quase toda ensaiando o que eu ia falar, no dia eu estava nervosíssima, tremendo, o data show sem querer pegar, trocamos de notebook, e nada! Foi “um reboliço”, mas graças a DEUS, deu tudo certo.

2ª Parte

Por Pilar tenho um apreço, cidade onde meu pai nasceu, e que tenho admiração há 23 anos, cidade muito especial e que merece ser respeitada por sua carga histórica e admirada pela beleza dos seus patrimônios arquitetônicos e culturais. Desde criança passo boa parte das minhas férias por lá, e frequento inúmeros bens culturais dessa cidade. Vou relatar a vocês um pouco das minhas histórias por Pilar, em meios as seus bens culturais.

Lembro-me quando fui à primeira vez ao Alto de Nossa Senhora da Conceição, partiria de lá uma procissão, eu tinha uns seis anos de idade. Encantei-me pelo lugar, pois é bem arejado, uma vista linda. A partir de então, sempre que estou no município, e quando dá, reúno os amigos e vamos passar à tarde de domingo por lá, contemplar o pôr-do-sol, se refrescar com aquele clima agradável, apreciar a vista panorâmica da cidade, ótimo lugar para “jogar conversa fora” com os amigos e pedir a benção a Nossa Senhora da Conceição. Salientando que a vista do pôr-do-sol sobre a Ponte Escritor José Lins do Rego, é magnifico! Quantas tardes também já passei por lá, com os amigos, até piquenique já fizemos, chupar cana em plena ponte e contar piadas, quem nunca? Haha eu e meus amigos que amo!

A Igreja Matriz (Igreja Nossa Senhora Del Pilar) essa sim sou encantada por sua história, e por fazer parte de minha história, foi nesta Igreja que fui batizada em setembro de 1993, obtendo mais um documento pessoal. Presenciei de perto e colaborei com a compra de rifas, bingos entre outros em prol da restauração/reforma da Igreja.

Na Fundação Menino de Engenho, a antiga Casa de Câmara e Cadeia, e conhecida também por Museu, quantas vezes após vir do Alto de Nossa Senhora da Conceição, nos sentamos ali na frente, em sua escadaria. E no mês de dezembro contemplar o espetáculo de Alto de Natal, encenado neste belíssimo monumento.

Já tive a oportunidade de entrar no antigo Sobrado do Comendador Quincas Napoleão e na Escola Estadual de Educação Infantil Doutor José Maria, e na casa da Tia Naninha, ambos, possui uma estrutura belíssima.

As praças da cidade se tornaram os point de encontro (ponto de encontro) dentre os amigos, nos finais de semana. Sobre os Engenhos, andar de bicicleta com minha prima e minha amiga Carla, nossa, muitas gargalhadas durante o percurso até o Engenho Corredor ou até o Engenho Recreio.

As idas à comunidade Baixa Verde, antiga maloca, na casa da “minha tia” (tia de consideração), sabendo que ali existiam aldeias indígenas, só em saber que por ali, residem parentescos indígenas, pra mim era fantástico.

Lembro-me das inúmeras paradas das procissões, saindo da Igreja Matriz, percorrendo por vários lugares, e paradas, entre as paradas, tínhamos uma delas no monumento do cruzeiro e na Capelinha Divina Santa Cruz, geralmente em Via Sacra.

Dos bens culturais imateriais, lembro-me das cirandas que eu ia com meu padrinho enquanto criança, na Rua do Cruzeiro, também conhecida como Serventia, às cirandas eram realizadas no terreiro da casa (em frente) do meu tio Chico. Nossa como era bom dançar, eu amava, passávamos a noite quase toda dançando, ainda me recordo um verso de uma das músicas cantadas pelo cirandeiro: “Toin, Toin, Toin a ciranda do Antoin”, fazíamos uma grande roda e no meio uma menor, era uma “festa” muito animada.

Uma das Festas da Padroeira que marcou bastante foi no ano de 2010 senão me engano, após missa, saímos em direção a Praça João José Maroja, o Padre da época, muitíssimo animado, nos chamando para dançar, pedindo para o pessoal se soltar, se animar, e deu início ao leilão, estava sendo leiloado um peru, um cacho de

coco entre outras coisas. Gente, qualquer coisa que se é doado de coração em prol de algo, é muito bem vinda, a festa se tornou uma animação só, com as presepadas do Padre leiloando as doações.

Recordo-me dos festejos juninos, a fogueira acesa, é hora de assar o milho, soltar bombinhas, comer comida de milho (não há coisa melhor, uma delícia!), a briga por “raspar a panela da canjica”, com as primas, não tinha preço! As apresentações das quadrilhas que eram em frente ao pavilhão central, quadrilhas convidadas como a fogueirinha, lajeiro seco, na época só existia a quadrilha Coronel José Lins do Rego em Pilar, atualmente, o pavilhão não existe mais, as quadrilhas são apresentadas na praça do povo ou no ginásio.

As festas de carnavais em Pilar, eram as melhores para mim, participava do Bloco Turma dos Bambinos, o Kachiblema (Bloco do povoado de jacaré), esse era o melhor, ia com os amigos, uma brincadeira sadia, um mela-mela de maisena, subindo e descendo ladeira dançando e pulando, as risadas eram nítidas, vendo as fantasias e presepadas do pessoal dançando. No Bloco do Picolé, minha prima e eu, acompanhávamos nossa prima menor, um bloco feito para as crianças brincarem o carnaval, posso dizer que é o bloco mais sadio e animador, os adultos também aproveitam para pular junto, vê as crianças fantasiadas, cada uma mais bonitinha que a outra, elas aprendendo a manusear os spray de espumas, confetes e serpentinas, acho que a gente se melava e se divertia mais que elas, sem falar nos picolé que nos eram fornecidos ao longo do percurso do bloco, ótimo para refrescarmos, em meio as machinhas de carnaval.

Também já obtive a oportunidade de conhecer o Parque Recreio, e presenciar a vaquejada, no parque de vaquejada mais tradicional de Pilar.

Ir à rua central de Pilar e não se deparar com a figura folclórica de Gérson, era impossível, quem nunca foi parado por ele, estendendo o a mão e pedindo “me dá uma patinha?”, ao sair do supermercado? Qual mulher em Pilar, que não foi acompanhada até em casa por ele? Já me fez companhia muitas vezes. Hoje em dia ficou o lendário em nossas memórias, ir ao centro (rua principal) de Pilar e não o encontrar por lá, já não é a mesma coisa.

3ª Parte

Visita aos bens patrimoniais materiais de Pilar, para a obtenção do registro fotográfico, para a coleta de dados da monografia.

Dia 16 de junho de 2016.

Neste dia aproveitei para ir aos bens culturais mais longe, aproveitei que meu pai estava por Pilar, e o carro estava “a disposição”, o primeiro monumento a ser visitado foi a Capelinha Divina Santa Cruz, que fica localizada numa rua que dá acesso ao Engenho Corredor, a Capelinha, está delimitada entre duas casas residenciais, aparentemente a capela está preservada, limpinha ao seu redor, e no seu interior.

O segundo patrimônio a ser visitado foi o Engenho Corredor, que fica aproximadamente 2km da área urbana, a estrada é de barro, estava um pouco esburacada, até devido as últimas chuvas. Ao chegar lá, não pude adentrar, pois, só é permitida entrada mediante agendamento, com os proprietários, através de e-mail ou whatsapp. Entrei em contato com a proprietária, porém, para aquele dia não tinha como, a mesma me relatou por ligação que na casa grande, não poderia entrar, pois ainda estavam fazendo as devidas restaurações. Então resolvi fazer o registro fotográfico de fora da propriedade mesmo, utilizando o zoom da câmera fotográfica. É notável o quão ficou ótima a restauração, já deu outra vida ao Engenho, que anos atrás estava pedindo socorro em sua estrutura física, porém, o mato estava alto, tirando a visibilidade daqueles que passava pela estrada.

Falei com o administrador do Engenho, e foi ele que me repassou o número de contato e o folder do Engenho. O Engenho há pouco tempo serviu como lugar de encenação de alguma novela ou filme, o qual também valorizou ainda mais a divulgação do monumento histórico, e acentuar ainda mais a cidade de Pilar, para visitação.

O próximo lugar a ser visitado foi o Engenho Recreio, que fica aproximadamente a 3 km do perímetro urbano, estrada de barro, a estrutura do antigo engenho é mantida, a casa grande esta em perfeitas condições estruturais e de conservação. Na volta do Engenho, observei o Parque Recreio (Parque de Vaquejada), e seguimos em direção à comunidade Baixa Verde, a antiga maloca, a

qual nela, antigamente existia a Trilha do Ouro e Remanescente dos índios Cariris. Aproveitei também para fazer o registro fotográfico da parte inferior da Ponte Escritor José Lins do Rego. Seguimos em direção a Fazenda Independência, ao chegar fiquei deslumbrada pela riqueza arquitetônica encontrada ali, de um lado situada à antiga casa grande, e as senzalas, desativadas, do outro, um novo casarão, não cheguei a entrar, as fotos foram tiradas da parte de fora da fazenda.

Saindo da Fazenda fomos (minha prima, meu pai e eu), em direção a Trilha da Estrada da Samambaia, de longe já víamos a beleza daquela trilha, formada por coqueiros de ambos os lados, estrada estreita de barro, onde só da pra passar um carro por vez, em algumas extremidades há um espaço maior, o qual aproveitamos para fazer a volta no carro, a estrada além de estreita, encontrava-se esburacada, e com obstáculos no percurso (coco seco), a trilha tem em média 2km, de exuberância beleza! O próximo e último monumento a ser visitado nesse dia, o foi o Cruzeiro, ao chegar, constatei, que não havia mais no seu interior o cadeado na gradezinha, estava aberta, e sem a imagem dentro, resquício de lodo ao redor da base do monumento.

Dia 24 de junho de 2016

Aproveitando que estava indo ao supermercado, juntamente com minha prima, e iríamos passar por boa parte dos patrimônios arquitetônicos da cidade, fiz o registro fotográfico da Igreja Matriz (Igreja Nossa Senhora Del Pilar), e que elegância de Igreja ficou após a restauração, ressalto ainda, que a reforma da Igreja, não está totalmente concluída. Fiz o registro da Escola Estadual de Educação Infantil Doutor José Maria, o da Praça João José Maroja, Casa dos Jesuítas, Sobrado do Comendador Quincas Napoleão (atual, Instituto Batista Edward Trott), ambos com uma boa estrutura física, e com perfeito estado de conservação.

No dia 26 de junho de 2016

Juntei o útil ao agradável iria passar a tarde do domingo, no sítio próximo a estação, no caminho, fiz o registro fotográfico dos seguintes bens culturais: Praça José Lins do Rego (antiga Praça João Pessoa), Coreto, Casa da Tia Naninha, Fundação Menino de Engenho (antiga Casa de Câmara e Cadeia), registro da parte

superior da Ponte Escritor José Lins do Rego, do Rio Paraíba, Estação Ferroviária, Casa dos Tropeiros e o Alto de Nossa Senhora da Conceição.

A ponte está comprometida um pouco em sua estrutura física, demonstra fragmentos do concreto e amarrações de ferros, os postes de iluminação, também comprometidos e insuficientes para iluminar toda a ponte a noite. No momento que passei por lá, estava sendo realizada sobre ela a prática do esporte rapel. O rio, infelizmente está secando. Ao chegar à Estação Ferroviária me deparo com os trilhos do trem enferrujados, cobertos pelo mato, em certo percurso do trilho, me deparei com um entulho de lixo, as placas de sinalização, completamente enferrujadas.

APÊNDICE B – Trilho



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

APÊNDICE C- Placa de Sinalização



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

O registro fotográfico da casa dos Tropeiros foi realizado das mediações da Estação Ferroviária, pegando apenas a parte da lateral da casa.

Chegando, ao Alto de Nossa Senhora da Conceição, já nos deparamos (fui com uns amigos) com pessoas visitando o monumento e aproveitando para fazer selfie. O monumento estava com sinais de vandalismo, pichações, e ao seu redor, garrafas de bebidas. Até hoje, não consigo entender como as pessoas vão até “um santuário”, portando bebidas alcoólicas, e ter o desrespeito de fazer pichações em um patrimônio cultural e de caráter público. Aplaudo aqueles que vão para momentos de fé, e até mesmo para se sentar nas dependências do ambiente, e passar a tarde conversando, e desfrutando do melhor que aquele lugar pode oferecer. O monumento estava sujo (as paredes não estavam pintadas), parafinas das velas derretidas, por toda parte lateral do monumento. Porém, no seu interior, o santuário estava bem conservado, as imagens intactas, a grade estava trancada com cadeado.

Finalizei minha tarde de domingo, com meus amigos, naquele lugar abençoado, usufruindo da vista que aquele Alto nos proporciona.

APÊNDICE E- Pichação



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

APÊNDICE – F Vista panorâmica da cidade, do Alto de N. Sr^a. da Conceição



Fonte: Elaborado pela autora, (2016).

Dia 14 de julho de 2016

Pilar foi agraciada pela passagem da Imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Tendo, como itinerário o Alto de Nossa Senhora da Conceição, onde foi realizada o acolhimento da imagem, missa e procissão. No dia de sua chegada, a cidade decretou ponto facultativo, e uma aglomeração de fiéis se formou ao redor do Alto por volta das 16h. Neste dia, pude observar que o monumento do Alto de Nossa Senhora da Conceição, estava pintando e limpo ao seu redor. Fiquei alegre, por perceber que o monumento estava com padrões de conservação, porém, refleti, ele só foi pintado porque iria receber em breve, visitaçãõ de bastante fiéis, e por estar fazendo parte de um momento tão sublime na cidade.

Dia 12 de setembro de 2016.

Nesse dia conversei com muitos moradores de Pilar, em busca da história do Cruzeiro (monumento), e ninguém sabia de fato, a história. Os mais jovens relatavam que o cruzeiro sempre foi naquele lugar (Rua do Cruzeiro), outros, já haviam escutado que o monumento, era em frente da Igreja, mas não sabia explicar a sua história, nem muito menos dizer o porquê dele ter sido transferido de lugar.

No finalzinho da tarde, eis que surgiu uma visita na casa de minha tia, aproveitei o momento, e perguntei (até já sem esperança, de obter uma “resposta concreta”), se ela saberia a história do monumento Cruzeiro, foi quando de repente ela me surpreendeu, falando que sabia uma versão, mas não saberia me dizer, qual o motivo da transferência do monumento, da frente da Igreja para a Rua do Cruzeiro. Na mesma hora, meus olhos ficaram radiantes... Enfim consegui uma história, e prontamente, fiquei a escuta-la, e ao final de seu relato, fiquei pasme! Pois a história me despertou curiosidade, principalmente em saber o desfecho da transferência do monumento... Infelizmente, “ficará para uma próxima”.

No dia 13 de setembro de 2016

Neste dia encontrei-me com um amigo, que já teve sua participação nas duas quadrilhas atuais da cidade, e da maratona, e pedi para que ele me contasse um pouco da história de cada um... e ao final de nossa conversa, encontramos outra

amiga, ao qual ficamos conversando por horas e horas, sobre vários assuntos, entre eles, nossas resenhas nas festas da cidade, lembrando de vários momentos que passamos juntos na infância, e claro, não poderia deixar escapar essa oportunidade, e pedi, para que ela, me relatasse um pouco do carnaval em Pilar.

No dia 14 de setembro de 2016

Dia de comemoração em Pilar, pois a cidade completa 258 anos de Emancipação Política, a cidade está de PARABÉNS! Que pena esse ano não escutei a “alvorada de fogos” ao amanhecer, porém, escutei de alguns moradores, que era o segundo ano consecutivo que não era realizada a queima de fogos, assim como constatei relatos em redes sociais, com a mesma queixa... Ressalto, que independente se as comemorações irão ser realizadas no final de semana seguinte, é importante, que se faça lembrada a cultura.

Mesmo sendo dia facultativo na cidade, a coleta de dados não pode parar! Hoje foi o dia de saber mais um pouquinho sobre as figuras folclóricas dessa terra... Gérson e Marreco. Não é difícil encontrar alguém que saiba relatar um pouco sobre esses dois. Encontrei duas conhecidas pela rua, e pedi para que me falassem um pouco sobre eles.

No dia 26 de setembro de 2016

Lembrei-me de um amigo que reside em Pilar que é fascinado pelo esporte vaquejada, entrei em contato com ele, e pedi para que ele me relatasse um pouco sobre a prática desse esporte em Pilar. E afirmo que desconhecia a maioria dos fatos que ele relatou... A cada dia, me apaixono mais, pela cultura pilarense!

ANEXOS

ANEXO A – Vista do centro da cidade de Pilar-PB



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1119124454809121&set=a.394501953938045.90518.100001347328884&type=3&theater>

ANEXO B – Praça José Lins do Rego



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/99041412>

ANEXO C - Exibição da Tribo Canindé -1959



Fonte: http://vozesdazonanorte.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html

ANEXO D- Missão Jesuítica da Vila do Pilar



Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/07/seminario-genero-textual-oral.html>

ANEXO E- Praça João José
1952 e 1985



Maroja -

Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/07/seminario-genero-textual-oral.html>

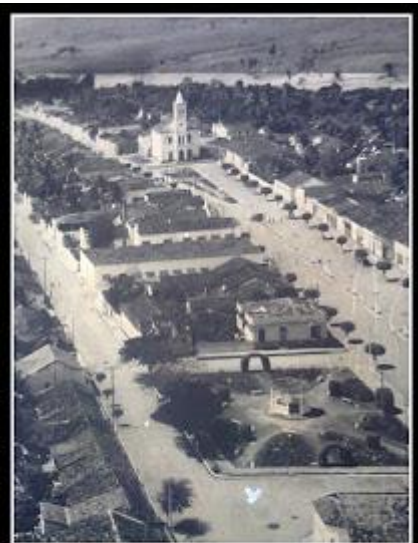
ANEXO F – Antiga Casa de Câmara e Cadeia – 1976



Antiga Casa de Câmara e Cadeia
Ano 1976

Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/07/seminario-genero-textual-oral.html>

ANEXO G – CENTRO DE PILAR – 1975



Centro de Pilar - 1975

Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/07/seminario-genero-textual-oral.html>

ANEXO H – Centro Histórico de Pilar 1976



Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/07/seminario-genero-textual-oral.html>

ANEXO I – Antigo Pavilhão Central e Antiga Praça João Pessoa



**Antigo Pavilhão Central e
Antiga Praça João Pessoa**

Fonte: <http://projetoconhecendopilar-pb.blogspot.com.br/2015/07/seminario-genero-textual-oral.html>